Se...
Nilson Mello

LIVRO VIRTUAL EM CD

Nilson Ferreira de Mello

2ª EDIÇÃO
2006

DEDICATÓRIA

À
Sara, meu guia espiritual, espírito amado que com suas irradiações e conselhos amorosos tem me ajudado a domar os impulsos de minha personalidade rancorosa, belicosa, insubmissa...Teimosa.
Que o Grande Arquiteto do Universo, Deus, Pai de Amor e Bondade, te ilumine mais ainda, mãe querida.

PREFÁCIO

Não são poucas as mudanças pelas quais o mundo está passando. Riqueza e pobreza caminham juntas, dividem o mesmo espaço. A quebra de padrão em todos os níveis sociais também desafia a sensibilidade dos mais convencionais, a diferença é aceita e incorporada como valor positivo. A era da razão iluminista, centrada em verdades absolutas e da similaridade, está sendo gradativamente substituída por uma época de pluralidade e de informações. A questão da espiritualidade não mais se opõe a razão. Esta dicotomia ficou enterrada no século XX. No entanto, os novos tempos obrigam as religiões a renovarem sua linguagem, a usarem de artifícios midiáticos para ficarem mais próximos dos seus fiéis. O Espiritismo é a priori uma religião que está afinada com a concepção contemporânea, pois, sua linguagem é coloquial, sua mensagem tem um teor direto e atualizado. A seriedade de suas causas e formas simples para enfrentá-las, assim como o rol das pessoas íntegras e engajadas que as encabeçam fizeram desta doutrina respeitada em um pais predominantemente católico.

Uma prova da eficiência da comunicação espírita é este livro “SE...”, de Nilson Ferreira de Mello. Sem rebuscamento e sofisticação de vocabulário, este renomado médium abre seus alfarrábios da memória e das vivências para conectar suas reflexões e aprendizados de sua escrita mediúnica, publicizando, portanto, inquietações e exemplos que muito servirão aos irmãos leigos, ateus, católicos, espíritas, evangélicos e todas as demais crenças desde que tenham tolerância e amor no coração. Ler o relato de sua trajetória como médium ajuda a compreender os fatores que estão envolvidos em nossa estrada mundana, assim como a vislumbrar no nosso tempo uma possibilidade de luz e de esperança, quando muitas das mensagens passadas pela mídia e por segmentos da sociedade são a de que vivenciamos o fim do mundo ou dos tempos.

Cada retalho costurado abre portas de entendimento, de ponderação para a vida, para o mundo, enfim, para a riqueza da lógica espiritual que rege tudo e que não se mostra muito acessível para aqueles seguidores de uma dinâmica apenas terrena. Esta sintonia com o mundo supra-sensível, que precisa ser mediada por pessoas como Nilson, chega a mais receptores ainda quando publicada e tornada acessível para todos num livro essencial como este.

Cristiana Tejo
Cristiana é jornalista cultural e curadora
de artes plásticas em Pernambuco

APRESENTAÇÃO

"SE...", chama-nos a atenção para o fato de que em todo tempo existirá, em nossos atos, um condicionante que poderá modificar os resultados, criando ou matando sonhos, harmonizando ou conturbando realidades. Que somos frutos de outras existências, partes de antigos conceitos, adaptações de velhas práticas; que somos o agora sempre, o eterno presente: base, conteúdo, prolongamento de verdades. Define o homem como espírito em evolução que tem um corpo de carne, em vez de um corpo que tem um espírito. Ele busca fotografar esse processo, que necessariamente precisa dos desafios, dos sofrimentos e alegrias para melhor ser compreendido. Mostra esses conhecimentos que sempre chegam, cedo ou tarde; muitas vezes no ocaso da vitalidade; mas chegam...E são igualmente gratificantes independentemente do momento em que se formaram, porque o tempo é um fator da mente, intimamente ligado às emoções. Faz ver que o transcendental desses pensamentos influi no emocional; o que se esconde sob o manto da ignorância para alguns é plenamente visível aos que têm olhos pra ver; o que é grandioso para muitos passa despercebido a outros. Que assim é a percepção, o registro, a vida.

O livro pretende demonstrar a parte que nos é reservada nessa engrenagem cósmica e que seremos ajustados a Ela e sentiremos prazer, alegria, felicidade, emoção... Em estarmos rodando, conduzindo, apoiando, acariciando e sendo acariciados nesse trabalho contínuo, infinito... Como muletas para alguns e cruzes pesadas para outros. Tenta fazer sentir que os desajustes à engrenagem: essas vibrações que nos impelem a fugir do trilho do raciocínio, da fraternidade, do trabalho... Fatalmente acarretarão o esmagamento, pelas outras peças em movimento; mais fortes, mais coesas, ajustadas à Divina Força Evolutiva do Universo.

"SE...", procura lembrar, apenas lembrar, muitas verdades experimentadas. Cada uma dessas verdades é um programa específico de ensinamentos para as pessoas que nelas se envolveram; não havendo, portanto nada de absoluto nesses roteiros, que obrigatoriamente se ajustem dentro de todas as outras necessidades individuais. Cabe tão somente aos implicados nas conseqüências, tirar suas próprias conclusões e conceitos de assimilação em suas provas.

O ato de escrevê-lo, proporcionou-me um período maior de contato consciente com o mundo imaterial. E como se não bastassem os inúmeros amigos invisíveis que me corrigiram, me orientaram, incentivaram, deram-me forças e acenderam as minhas esperanças, quando por momentos diminuí o ritmo da motivação; chegaram-me os irmãos encarnados de dentro das colunas da fraternidade e os de fora delas, reforçando o elo da solidariedade. Citar seus nomes um a um, seria impossível, pois juntos fundiram-se numa só pedra cúbica polida, irradiando muita luz e amor, difícil de definir. Alguns tiveram seus nomes mudados no escrito, mas seus semblantes, personalidades, individualidade... Encontram-se intactos e radiosos, dentro do meu coração, com muito amor.

Fica aqui meus agradecimentos a todos.

Nilson Ferreira de Mello

1ºRETALHO
(PRETO)

De repente eu estava novamente brincando de ser escritor, buscando motivações para escrever um novo livro. Procurava definir o nome e por mais que me esforçasse este não aparecia. Eram tantas as sugestões do inconsciente, que me conturbavam pelo excesso de opções e, quase sempre, amarravam os contextos sugeridos a um determinado ângulo de visão e impunham forma de estilo e tentavam obrigar-me a fugir da espontaneidade que tentava.

"SE...", foi o título que se fixou com mais força em minha mente, como a querer dizer-me que tudo é condicional, que tudo continua, que não há interrupção no Universo, que tudo se transforma. "SE...", é a seqüência de "O LIVRO QUE LI", que pensara ter encerrado. É a possibilidade de enquadramento à retórica buscada para esse novo trabalho, de tantas coisas que quis dizer naquele e não pude, outras que pude dizer e não quis.

Em minha reflexão, o silêncio da noite parecia convidar-me à sua companhia. Às vezes a própria solidão exige um solitário como companheiro e não pude fugir ao seu apelo. Comecei a desligar-me do mundo e a entrar em sintonia com o distante, com o silêncio, com a inspiração que chegava. Eu dava sentido às coisas que tocavam a minha percepção: um inseto que pousava na lente dos óculos sobre a mesa, um latido de cão ao longe, o som do pequeno ventilador, o vento que me acariciava... E a inspiração transformava o zumbido do ventilador

defeituoso em uma batucada, em um samba de terreiro, uma valsa, um tango... E eu dava-lhe ritmo a meu bel prazer, à contagem de um tempo particular, sem importar-me com padrões musicais. Saía de uma forma regular de movimento para uma inconstante. Ia caminhando pelas alamedas que os sonhos me apresentavam. Estava regendo todas aquelas combinações de sons, imagens e impressões registradas, dando sentido, enquadrando-as às fantasias que a gente cria e molda à vontade do que queremos, quando estamos solitários. Era o preâmbulo de uma aura de tranqüilidade que começava a envolver-me.

Achava que podia repetir a escrita de mais um livro, porém agora, apesar de toda esta preparação, de toda esta serenidade, estava sendo difícil escrever o que faltou dizer no anterior. "O LIVRO QUE LI" tinha ocupado tanto tempo na minha mente, envolvido-se de tal maneira comigo nos dias de sua criação que, diante disto, como um bebê ciumento, com sua presença forte, insistia em que visse as coisas e falasse do seu jeito, impondo-se para continuar junto a mim. Era como o primeiro filho, mimado, que não se conforma com o nascimento do irmãozinho que lhe tira os privilégios e atenções e por isso tenta intrometer-se em todas as situações para roubar a cena. Urgia fazer nascer o novo livro com sua individualidade, porém os pensamentos fugiam. Cheguei a render-me à premissa de que não estava sendo ajudado pelos guias espirituais e sabia que, sem eles, não sou nada. Quando assim pensei, uma inspiração mais forte tomou-me e senti o impulso de complementar o pensamento que chegava, com estas palavras:

MEUS PENSAMENTOS DIZIAM QUE NÃO SOU NADA; MAS PRA QUE, SE EU JÁ SABIA? GRITAVAM VÁRIAS COISAS; PRA QUE GRITAR, SE EU NÃO OUVIA?
PROCURAVAM FICAR MUDOS; MAS COMO, SE NÃO PODIAM? DESEJEI NO NOVO LIVRO OS FATOS QUE NÃO CONTEI: MUITOS QUANTOS QUE NÃO DISSE, QUANTOS TANTOS QUE NÃO QUIS, TANTOS OUTROS NÃO DEVIA.

Conclui que me enganara. Amaro, meu querido mentor, já estava ali ao lado, inspirando-me. Era seu estilo de prosar.

2º RETALHO
(VERDE)

Comecei a sentir-me mais forte para a continuidade da tarefa. Já tinha um esboço e ao mesmo tempo uma visão ampla do enfoque que seria abordado e já sentia a presença boa de Amaro, cada vez mais forte, com seu estilo de prosa poética que eu captava em alguns lampejos de sintonia. Agora sabia que iria dar prosseguimento ao trabalho e comecei a fazer uma pauta. Busquei no fundo de minha memória as muitas coisas que não disse em "O LIVRO QUE LI". Sai enumerando, rascunhando a parte os títulos: "JERIMUM DE JOSEMAR", "O VELHO DA PONTE", "A FOGUEIRA DE JOANA", "BEN ALY E A RADIOLA DE FICHA", "O ESPÍRITO QUE NÃO PISOU NA LAMA", "DESMATERIALIZAÇÃO NA AVENIDA RECIFE", "EXPULSÃO NA CASA DOS HUMILDES..." Foram quarenta e seis assuntos enumerados para desdobramento, pois nenhum daqueles foi incluído no "O LIVRO QUE LI" e, por certo, a maioria, também não seria neste que fazia. Mas já era um começo. Cabia tão somente enquadrar essas lições de vida dentro da nova escrita para pelo menos, quando da minha partida, não evaporarem comigo e servirem de referência aos que necessitarem tirar algum proveito dos fatos vividos por mim. Não é assim a vida? Essas transmissões de experiências, de acontecimentos, de vivências, de desdobramentos, de conseqüências... Não se vão juntando às pessoas, aos grupos, às nações, aos povos do mundo? Não foi sempre assim desde os primórdios da civilização? Grande parte do que sabemos hoje não foi legado por nosso antepassado pelos mais diferentes meios de comunicação? Por qual motivo eu não poderia levar aos demais irmãos do mundo minhas vivências? Acrescentar pelo menos uma vírgula, um ponto, uma reticência à história espiritualista? Infinitamente pouco, bem sei, em comparação ao muito que outros escreveram.

Nessas meditações, nesses lampejos de coragem, nesses relâmpagos de autoconfiança, quanto desejei alguém encarnado, um ser humano comigo. Alguém que ajudasse, alguém que me perguntasse alguma coisa e que até discordasse de meus pontos de vista. Eu queria conversar, falar, responder, desdobrar sonhos, idéias... Contestar, fantasiar, ir mais além. Quando estamos conversando, quando estamos trocando palavras... Quando uma pessoa puxa pelo nosso raciocínio, indaga, perquire, comenta, exige aprofundamento no assunto...Nós somos envolvidos no diálogo e na troca de conhecimentos E, quando isto acontece, sentimo-nos mais motivados. Mas estava conversando sozinho. E, os diálogos com o próprio Eu, quase sempre são dolorosos, viciados. Ele tem a mania de censurar a toda hora os desalinhos e a ficar nos mostrando os mesmos problemas, os mesmos defeitos; sugerindo perdão, paciência, força... Idênticos enfoques, quase sempre.

Quando dialogamos conosco, já temos todas as respostas; apenas insistimos em não escutar, em não querer saber. Já conhecemos as estradas, os atalhos, os rumos a tomar; todavia os defeitos, as fraquezas... Criaram e selecionaram as justificativas; as respostas que nós queremos, as escapatórias para as contravenções. Nesses diálogos com nosso Eu, não somos colhidos por uma nova necessidade de informação que não esteja dentro do disquete mental e que nos pegue desprevenidos, sem registro, que nos faça gaguejar ante o inquisidor... Que ruborize a alma. Já estamos tão acostumados a conversar com ele e a saber que está sempre certo e que no final de tudo nos convencerá, que procuramos apenas ganhar tempo em colocar a mão à palmatória; ou para não ceder sem luta. Desejei por tudo isto alguém ao lado para perguntar-me alguma coisa. Seria mais fácil dizer ou escrever as respostas. Tive de contentar-me apenas comigo. De suportar-me, de desvencilhar-me do medo que me envolve sempre, que já sei e brigo por esquecer.

Procurei outros ângulos de abordagem para minha vivência; iluminei minhas fantasias, baixei a cortina sobre os defeitos. Não deu certo. Resolvi rememorar, enfrentar, viver os momentos passados com todas as cores, fossem as tonalidades alegres ou tristes. Pensei recriá-los com total intensidade de emoções e calor e, desta feita, tirar proveito, mais uma vez, das lembranças, das lições de vida certas ou erradas, para quem sabe, erguer um novo cenário para as próximas cenas. Um panorama amplo, moderno, dinâmico, iluminado, colorido. Uma nova roupagem como se fora uma colcha de retalhos que exaltasse o lado positivo das experiências mal sucedidas. O aprendizado que justificasse os prejuízos que me foram infligidos neste caminho para a evolução.

Como num vídeo cassete, bobinei a fita da memória terrena para o começo e parei nos idos de 1960. Estava naquela época recebendo da espiritualidade os primeiros chamamentos conscientes para o enfrentamento dos vícios e desregramentos.

Até então solteiro, havia me conduzido na vida dentro dos padrões normais para uma pessoa jovem, explorando ao máximo as oportunidades de prazer que a vida me oferecia, aprendendo tudo de bom e de ruim que estivesse ao redor, fugindo das responsabilidades. Minha consciência ditava os limites desses direitos e eu usufruía até onde a lei permitisse.

A perspectiva de alcançar status social elevado era a meta principal, que parecia estar sempre preste a se definir. Entretanto algo que escapava de todas as previsões do bom senso, de todos os planejamentos, punha abaixo. Foi assim com o vestibular para o curso de medicina, que tive de abandonar pela necessidade de trabalhar para o sustento da casa; foi assim com meu ingresso como piloto na aviação comercial, após já estar brevetado como piloto privado. Foi assim em todas as firmas multinacionais por onde passei: em pouco tempo galgava bons cargos com amplas perspectivas de sucesso e os departamentos eram extintos e eu voltava a estaca zero, enfrentando as decepções, as fugas dos amigos...E sofria por não saber separar e entender, que as regalias dos cargos eram restritas às funções e às empresas que me remuneravam e não a mim como indivíduo. Essas constantes mudanças de emprego, embora me proporcionassem novos desafios e ampliassem a capacitação profissional, me pareciam uma punição do Desconhecido. Mostravam que eu era levado para o alto, como se já houvesse um planejamento para a queda e não percebia que sempre que subia, o orgulho subia mais ainda e, quando caia, ele demorava muito a baixar e tentava se manter nas alturas, camuflando a realidade, nessa luta íntima, dolorosa, para conservar as aparências; sofrimento este que só o orgulhoso pode compreender.

Somente agora começava a admitir, embora levemente, que todos os passos na vida são acompanhados pelos amigos espirituais. Que as situações que enfrentamos no dia a dia, são como cenas de um drama, devidamente estudadas por nós mesmos na espiritualidade, para desenvolvermos à nossa maneira, como no programa de televisão da Rede Globo, "Você Decide", em que o telespectador é quem julga a melhor forma de encarar a situação. Entendi que, do mesmo jeito, caberá a nós, pelo livre arbítrio, optar pelo desfecho de todas as provas. Compreenderemos as mensagens inseridas em cada ato, segundo nosso grau de percepção, segundo nossa maneira de entender. Todavia, não tenhamos dúvidas de que as cenas vividas nas peregrinações são devidamente estudadas e orientadas pelos mentores espirituais, com o fim único de nos induzir a alcançarmos o conhecimento e assimilarmos as verdades contidas nos aglomerados de símbolos que nos são oferecidos a cada instante.

As análises de prova deixam claro como a espiritualidade cria situações para nosso aprendizado e pude estender essas conclusões a outros setores da vida privada, intelectual, profissional... Em que muitas vezes a realidade toma as rédeas das previsões, planejamentos e controles, nos arrastando para onde não queremos ir, porém por certo, cumprindo-se um plano espiritual, sintonizado com as necessidades evolutivas individuais.

Acabara por assim dizer, de iniciar a introdução do novo livro. Já havia escrito numa folha à parte os assuntos que seriam abordados, descrevendo em forma de índice algumas experiências vividas; mas a inspiração para continuar a escrita, como que esbarrara numa grande muralha, que, por mais que eu insistisse, não podia ultrapassar. Vieram-me à mente todas as dificuldades que tive para escrever "O LIVRO QUE LI", a partir do manuscrito. Naqueles momentos do primeiro livro, sem nenhuma base no assunto, comecei por querer escrever tudo que me vinha à cabeça, preocupado com a concordância, com a fonética, com o estilo e, quando insistia, nesses aspectos, o cérebro era bombardeado pelas idéias de correção e análises que cortavam a mentalização e a inspiração recebida dos amigos espirituais. Faltava-me sintonia com os mentores e somente muito tempo depois aprendi que não me deveria deter nesses pormenores e comecei a dar vazão aos

pensamentos, não me importando em escrever saudade com "L", prezado com "S", atrasado com "Z". Empregando "onde" em lugar de "aonde". Não me importando com ponto, com vírgula... Não levando em consideração se haveria crase ou não a ser colocada; enfim, deixando a escrita correr solta, livre, com todos os tipos de erros possíveis e imagináveis, pois seriam corrigidos no momento oportuno. Criei minha ortografia para não fugir ao ritmo da narração. Tive, portanto que reler as 225 páginas do escrito por dezenas de vezes e sempre que relia descobria palavras repetidas, pensamentos em duplicidade... Alguma coisa que não soava bem, uma virgula a mais, um ponto a menos, algo que o leitor não entenderia... Mesmo após a redação final, já impresso e ainda hoje, após tantas revisões, há erros a corrigir.

Como vêem, há sempre na vida algo a iniciar, a consertar, a terminar. Há sempre algo a observar, a compreender, a prosseguir e esse prosseguimento, essa junção da cadeia precedente à posterior, é que caracteriza a evolução, como bem definiu Allan Kardec em Gênesis, quando fala da evolução da espécie; _ "desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente..."

Essas reflexões me vieram paradoxalmente no momento em que o "branco" ocupou por instantes a minha mente, levando-me a buscar as emoções que senti quando ao procurar inspiração para um trabalho a ser apresentado a um grupo de irmãos esotéricos, fiz um passeio matinal e, ao fim, tudo que ouvi e senti, foi transposto para o papel e pude constatar, com espanto, todo um Universo de imagens e sons, que faz parte do cotidiano, que até então não parara para apreciar.

Assim relatei as observações:

...Uma vez, lendo o livro DIÁRIO DE UM MAGO, de Paulo Coelho, deparei-me com um exercício recomendado pelo Autor para as pessoas que desejam se livrar dos efeitos provocados pelas pressões mundanas, inclusive estresse. Pessoas que precisam recarregar-se física e mentalmente para poder enfrentar com serenidade o dia a dia da vida.

Recomendava, Paulo Coelho, um caminhar diário de uma hora, em que o indivíduo deveria observar, aleatoriamente, todas as imagens que se lhe apresentassem em sua trajetória, desde uma lata de lixo deixada na calçada, um carro de mão, um papagaio de papel enganchado na rede elétrica... Tudo deveria ser observado sem preocupação de registro mental.

Li por lê e, apesar de achar até no mínimo interessante, não dei atenção ao recado.

O querido João Alves, certa vez aproveitando a visita que diversos irmãos fariam a granja do Ir:. Alexandre Sena, na cidade de Goiana/PE, num Domingo, pediu para que os amigos chegassem a granja às cinco horas da manhã, para observarem a natureza, os bichos, os insetos, as plantas. Olhassem o caminhar das formigas, o voar dos pássaros, das borboletas... Olhassem as abelhas, os caracóis... Observassem tudo. Seria um bom exercício para a mente; uma reciclagem do ser, trazendo para o consciente velhas imagens esquecidas ou registrando novos estímulos. Também não dei atenção e ainda pior, nem notei que era o mesmo exercício do famoso escritor cabalístico Paulo Coelho, com outra roupagem. Intimamente fiz uma gozação, imaginando-me como sou, de cabelos e bigode brancos; acocorado, brincando com formigas e caracóis.

Hoje sai por aí caminhando, andando como sempre andei. Em dado momento, foi como se a mente tivesse parado e obedecido uma ordem íntima muito forte. Desliguei-me do campo visual ao meu redor e liguei-me ao mundo auditivo e sensitivo, infinitamente mais amplo. Registrei tudo que ouvi e que senti. Era como se de uma hora para outra eu tivesse ficado cego. As imagens pareciam ter sumido, não me distraiam, não desviavam meu raciocínio das coisas que vinham a mim. Não tinham força de persuasão, não tinham sentido.

Pude ouvir meus passos no calçamento, sentir a roupa massagear o corpo empurrada pelo vento que soprava no peito e nos poucos cabelos de minha cabeça. Pude cheirar a todo pulmão a fumaça mineira que se soltava do cachimbo do poeta paraibano Orlando Tejo em baixo do Flamboyant, no portão de sua casa. Ouvi o Anjo de Pedra falando com Nosso Senhor, no quintal de Val Bonfim. Sentia o calor do sol de uma maneira diferente, vivia o desconcertante equilibrar de meus pés sobre as pedras tortas do caminho. Ouvia um latido de cachorro e de outros mais adiante respondendo. Um papagaio falador pendurado numa corrente, chamando "Dona Maria", o miado de um gato, um galo rouco cantando fora de hora. O resmungar de um homem velho, a maneira engraçada de gritar de um vendedor de macaxeira. Gracejos, palavras alegres, galanteios de um rapaz para uma garota que passava requebrando beleza no esplendor de sua mocidade. O pipocar de uma motoneta acanhada, o som de um caminhão a diesel, o ranger da carroceria carregada de tijolos e o esguichar do freio conjugado a ar. O estridente som de um twit num carro de adolescente estacionado distante. Zumbidos de um besouro mangangá rodeando uma papoula. O espirro escandaloso de "Seu Biu do Sorvete". Zoada de martelo, som forte de marreta, rangido de prego arrancado de tábua de construção, deslizar de um carro de mão na rampa do canteiro de obras e o resfolegar do operário que o conduzia. Gozações contra um irmão protestante. Aleluia, pornografia.

Ouvi passos de cavalo ferrado em ritmo de galope e o sibilar de rolamentos secos nos eixos empenados da carroça de "Mané Grande". Sons estridentes e graves, curtos e longos, intermitentes, contínuos. Às vezes... Um impacto maior parecia percussão final de um bombo em música fúnebre.

Ouvi sibitos a cantar e fiquei surpreso ao constatar que ainda existem muitos. Dentro daquela algazarra pude distinguir sons melódicos e cadenciados de outros pássaros envolvidos na sinfonia singela das primeiras horas da manhã: sabiás, papa-capins, canários engaiolados alegres, sem saber por que. Um Bem-te-vi bendizendo a liberdade e eu, até acreditando ele estar saldando a mim, que ali passava.

Registrei o som de um avião que sobrevoava ao longe; o rilhar de uma corrente de bicicleta no compasso da sela que rangia ao peso do homem gordo que pedalava. O som percutido de uma bola de futebol chutada por um garoto treloso e que batia na janela de um vizinho ranzinza... Correria, gritos, xingação.

Escutei trecho de canção de Nelson Gonçalves, parte de horóscopo para o meu signo de Áries na voz do locutor José Dirceu da rádio Guarany, um assovio moleque, um "psiu" desdenhoso. Reginaldo Rossi cantando Itamaracá, bem alto. Conversas amigas entre amigos, cochichos de senhoras no portão, risos. Escutei o chichiar de sandálias na calçada e a marcação da correia de couro desabotoada que tocava o chão com sua fivela niquelada, no passo ritmado do matuto que andava a minha frente. E como eram diferentes os sons das passadas de cada um.

Percebi o bater de uma tarrafa nas águas do Capibaribe, no Poço da Panela e o remar de um pescador. Sons diferenciados, perto, longe, bem distantes. Sutis, aleatórios como acordes de pífanos em orquestras sinfônicas. Contundentes, determinantes, como pratos e tubas nas bandas militares. E, como disse uma vez Amaro, em poema psicografado, transcrito no "O LIVRO QUE LI", tudo aquilo "entrelaçava-se, soltava-se, confundia-se, ajustava-se novamente", como mantras harmonizando minh'alma no templo acústico do Universo.

Fiquei ainda mais convicto que a vida nos oferta a cada instante inúmeros sentimentos e visões e nós simplesmente não queremos perceber, como se pudéssemos descartar toda essa simbologia de vida sonora, sensitiva e visual que cabe a mente decifrar. Lamentavelmente, programamos os sentidos receptores para captar apenas o que é importante.

O que é importante?

3º RETALHO
(VIOLETA)

Era o ano de 1965, fui levado pelo sofrimento a procurar o Núcleo Espírita Centelha de Jesus, no bairro dos Coelhos, em Recife, onde os saudosos médiuns Elias Sobreira e João Rodrigues convidaram-me a fazer parte da Campanha do Quilo, como forma de atacar o orgulho, fator que, segundo a espiritualidade, estava sendo à base de todos os problemas enfrentados. Convicto dessa necessidade; parti para o trabalho de porta em porta, pedindo em nome de Deus auxílio para os necessitados, uma forma menos dolorosa de mendigar e me punir. Comigo também ingressou o querido amigo Josemar, companheiro de farras, que acreditava ter os mesmos defeitos e servíamos de muletas um para o outro. Fazíamos aos sábados, três horas de exercício. Sacrificávamos parte da manhã na Praia de Boa Viagem, nosso recreio de fim de semana. Já era um bom começo para quem vivia apenas pensando nos prazeres materiais.

Pelo orgulho, não tinha coragem de fazer a Campanha do Quilo na Rua da Imperatriz, na Rua Nova, ou na Rua Duque de Caxias, locais de grande afluência de público, aonde a população da cidade dirigia-se principalmente nos fins-de-semana para fazer suas compras e se atualizar no que dizia respeito às últimas novidades da moda. Aquelas ruas eram o que hoje são os shoppings centers. Pessoas de bom nível sócio-econômico, gente jovem, bonita, alegre, passeavam nos dias de Sábado, desfilando beleza e bom gosto. Entravam e saiam dos estabelecimentos comerciais, olhavam as vitrinas, freqüentavam matinês dos cinemas, as sorveterias...Era uma festa para os olhos de quem queria paquerar, encontrar amigos, divertir-se, desfrutar a vida. A um quilômetro dali, todos os sábados, no Núcleo Espírita Centelha de Jesus, no Bairro dos Coelhos, se realizavam reuniões da Campanha do Quilo, num trabalho de caridade com o objetivo de angariar donativos para a construção da Casa dos Humildes, abrigo espírita em construção no Bairro de Casa Forte – Recife, para abrigar inicialmente cem velhinhos de ambos os sexos.

A Campanha foi fundada em Pernambuco por irmãos espíritas abnegados, tendo a frente Elias Alverne Sobreira e João Rodrigues da Costa. Esse trabalho tinha início às oito horas e encerrava-se rigorosamente às onze horas da manhã, onde o obreiro estivesse. Mais ou menos as sete e meia chegávamos à Centelha de Jesus, fazíamos os preparativos, recebíamos as instruções e, após a prece, o mentor espiritual designava o respectivo local de trabalho de cada irmão. Eu ia enquadrando-me timidamente à tarefa. Tinha crença na vida espiritual, porém faltavam-me, ainda, a força, a certeza e a convicção que me dariam condições de encarar o mundo e professar as verdades que estava buscando. Minha fé era muito pálida e não me dava força de lutar contra os preconceitos de que eram vítimas os espíritas. E, se por um lado, persistia no desejo de trabalhar, fossem quais fossem as circunstâncias ou os lugares, no íntimo desejava e vibrava pela Ponte Velha, onde no mínimo estaria a salvo de ser visto por amigos e colegas, porque a ponte era pouco transitada pelas pessoas de meu ciclo de amizade. Coincidentemente, naquele dia o desejo vingou. Fui escolhido mais uma vez para o local. Isto me deu alívio, como se eu tivesse me livrado de ser levado ao ridículo pelos amigos que por certo, me encontrariam se fosse designado para o "centro da cidade". E afinal, eu já estava acostumado àquele local; já me

sentia tão à vontade ali, com o saco ao ombro e a mochila à mão, pedindo a todos os transeuntes em nome de Deus, um auxílio para algum abrigo, que até pensei ter evoluído espiritualmente.

A Ponte Velha fazia jus ao nome: era enferrujada, feia. Mas achava-se diferente. O mundo todo estava diferente. Soprava uma brisa suave; os manguezais do lado da Casa de Detenção do Recife pareciam mais alegres. Os caranguejos, os aratus, as marias-farinhas correndo como robozinhos engraçados, nos seus passos compassadamente sem compasso, entrando e saindo dos buracos na lama em algazarra. Vibrações de sonhos felizes, de luta, de trabalho, de esperança, amor, fantasia, eram deixadas na ponte pelos transeuntes, sempre apressados, indo e vindo de algumas composições da Rede Ferroviária do Nordeste, que faziam terminal na Estação Central do Recife, na Praça Visconde de Mauá. A felicidade das pessoas não era igual a dos outros dias. Nada é igual a qualquer dia, à proximidade do Natal. Mas essas vibrações de felicidade, esperança, liberdade, não ficavam por muito tempo espalhadas na calçada pobre e feia lhe dando beleza; eram avidamente sugadas pelos detentos da Ala Oeste do Presídio, agarrados nas grades das janelas de suas celas, como cruzes vivas contemplando a liberdade, ou aranhas presas nas teias de morte, acalentando o que restou da vida. Sonhavam com a liberdade que se fora e se projetavam nos sonhos daquelas outras pessoas, naqueles heróis que tinham nas lutas o repouso de suas almas.

O Rio Capibaribe ia se derramando por entre as ruas Floriano Peixoto e da Aurora, passeando e deixando-se tocar pelas copas inferiores dos manguezais, que o soprar do vento moleque empurrava para baixo. Altivo, manso, sereno, belo, romântico, alheio a tudo: _ aos pensamentos, à admiração, ao mundo, à vida. Travestido de mulher bonita cônscia de sua beleza, indiferente aos galanteios dos mortais. Aqui e ali se deixava acariciar pelas redes de felizes pescadores que conviviam fraternalmente consigo, conhecedores de seus segredos mais íntimos, buscando vidas em sua vida, equilibrados em jangadas de pau fincado. Vistos de longe, pareciam pisar na água, como maestros divinos regendo uma sinfonia de esperança.

Tudo se coordenava, encaixava-se, equilibrava-se. Foi nesse cenário que estava reservada uma das maiores lições espirituais recebidas em minha vida. Naqueles instantes em que estive na Ponte Velha, vi passarem as mais diversas criaturas: pobres, ricas, doentes, saudáveis... De idade avançada ou nos primeiros anos da juventude. Negras, brancas... Algumas de aparência bondosa e calma demonstraram toda a brutalidade de seus espíritos, quando foram solicitadas a dar um auxílio, em nome de Deus, para a Campanha do Quilo. Outras, feias, mal encaradas, reprodução fiel da brutalidade, desdobraram-se em bondade e compreensão. Vi militares fardados, lotados ao presídio, onde hoje é a Casa da Cultura do Recife, com as fisionomias embrutecidas, sisudos, frutos da convivência com criminosos, revelarem uma nobreza de sentimentos e doçura inesquecíveis; não só contribuindo materialmente, como proferindo palavras de incentivo e amor.

Aprendi muito com as pessoas que por ali transitaram. Lembro-me bem que naquela manhã, ao iniciar a tarefa; já bastante acostumado a enfrentar essas situações, não dava muita importância às coisas ruins que ouvia das pessoas, nem me contagiava em mais orgulho pelos elogios que recebia e nem tampouco pelos resultados materiais da campanha, porque ali me encontrava tão somente para humilhar o espírito e essa meta justificava sacrificar uma manhã de Sábado, nas praias do Recife.

Nunca poderia supor a lição reservada. Eram dez e meia; já estava na ponte desde as oito e meia da manha. Apresentava o bisaco, fazia o pedido de donativos a todos que passavam pelo local e ninguém me atendia, como se eu não existisse, como se fosse invisível. Não me davam atenção...Ignoravam-me. Eu era um mendigo anônimo, comum, desses que não despertam a comoção, a caridade... Desses com os quais cruzamos todos os dias e não nos lembramos de seus rostos.

Uma angústia muito grande envolveu-me: eu não era notado, não tinha importância para o mundo. Questionava-me se aquele exercício era válido. O orgulho tinha sido tocado como nunca fora antes. Ai comecei a entender a lição. Compreendi que se algum dia a miséria me entrelaçar, não devo me envergonhar; também ninguém me notará. _ Estarei só, contemplando-me, pelo grande e excessivo valor que dou a mim. Quando estava nessas divagações, quando realmente assimilara a lição, vi aproximando-se, ainda um pouco distante, um homem bem idoso com um volume na cabeça e logo atrás dele um grupo de jovens, que acredito se dirigia à Estação Central, a fim de pegar o trem para alguma localidade do interior do Estado. Era hora de partida de composições e o movimento de pessoas pela ponte começava a aumentar.

A estas alturas o velho homem já estava quase a minha frente. Suas vestes sujas, rasgadas. Sua pele obesa, doente, manchada por uma resina preta. Uma nuvem de poeira como fuligem se desprendia do fardo de papeis usados que dançava na cabeça, tal e qual um boneco de carnaval; um morto carregando um vivo em forma de miséria, estrebuchando no tremor dos passos. Não havia um lugar na roupa do ancião onde não houvesse um remendo feito ou a fazer. Era a forma compacta da desgraça absoluta.

O senhor vinha se equilibrando no meio do passeio com as pernas cansadas, anguladas em forma de "V" para melhor se firmar. Seu andar trôpego, seu arrastar de pés, tomando a visão do passeio a alguns passos atrás. Estendi a sacola para ele, timidamente, apenas por formalidade. Ele fitou-me com um olhar que demonstrava muitas coisas. Era um olhar austero, forte, vibrante, límpido, porém ao mesmo tempo fundiu-se em apenas indiferença ou alheamento. Suas pálpebras caídas, debilitadas pelo sofrimento, em nada concorriam para

sublimar a mensagem forte que seus olhos queriam dar. Eu não sabia se, com aquele pedido, o ofendia ou o exaltava. Passou cambaleando, as sandálias rangendo cadenciadamente nos mosaicos, como se acompanhassem o derradeiro cantar da vida, com ritmos e sons que naquele momento só eu pensava escutar, _ só ele podia ouvir.

Fiquei parado, indeciso, confuso. A imagem era forte demais. A mensagem me conturbara. Quando tomei conta, o velho tinha derrubado o saco, um pouco além do local onde me encontrava e agora vinha voltando, capengando, procurando nos andrajos um bolso, entre as dezenas de bolsos fictícios, oriundos dos remendos malfeitos e rasgões de suas calças. Com sacrifício achou uma moeda de poucos centavos e, com a mão trêmula, num esforço de sintonia, colocou-a na mochila que lhe apresentei...Como quem paga um ingresso qualquer. Como quem coloca uma senha na urna de um campo de futebol. Não me olhou. Não disse nada. Nada procurou ouvir também. Exatamente como chegou, tomou destino. No mesmo hino, no mesmo cantar, no mesmo clarim, na mesma marcação.

Encontrava-me parado entre as duas realidades, em que era o hífen de ligação. O grupo de jovens estava, quieto, absorto em contemplação, aguardando o desfecho da doação. Minhas cordas vocais, anestesiadas pela emoção. Meu coração batia desordenadamente. Meus olhos encheram-se de lágrimas que não pude disfarçar e que escorreram também pela parte interior da garganta da alma e sufocaram minha voz. – Não consegui proferir as palavras de praxe, de agradecimento em nome de Deus e, não daria tempo: outras mãos se estenderam naquele momento e eu também não podia agradecer. Carros buzinavam. Pessoas pediam minha aproximação; todos queriam cooperar com a Campanha do Quilo e foram muitas as doações. Foi a maior campanha de minha vida em óbolos materiais, bênçãos e aprendizado espiritual.

Durante muito tempo procurei rever aquele homem. – Nunca mais o encontrei. Ninguém o conheceu. Fiz muitas outras campanhas. Meu orgulho, muito grande, diminuiu um pouquinho. Muito pouco mesmo; no entanto me deu a impressão de que me livrara totalmente dele; até que uma vez, ao fazer um peditório dentro de um ônibus, num dia de Domingo, rumo ao Horto de Dois Irmãos, em Recife, passei por idêntica prova à da Ponte Velha: ao estender a sacola às pessoas, elas me fixavam os olhares, frias, mudas, semblantes de desconfiança, censura... Sussurros maldosos se faziam ouvir...Nenhuma contribuição; como se todas tivessem combinado a atitude. Rendi-me ao orgulho. Foi minha última campanha.

O querido amigo Josemar, meu mestre em virtudes e irmão gêmeo em orgulho, confessou-me que também como eu, não resistiu à prova da Campanha do Quilo. Um certo dia, uma bela manhã de Sábado, após uma noitada com os amigos no mundo profano, recebeu a madrugada e com ela os pensamentos de auto-reforma que quase sempre chegam quando estamos saciados de prazeres. Olhou a natureza ao seu redor, a cor do céu, os raios do sol dando uma aura de beleza às paisagens comuns, às arvores, às diversas tonalidades da cor verde, que jamais tinha observado. Ouviu os pássaros, sentiu a brisa, meditou nas tolices que fizera durante toda a vida. Pensou nas coisas boas que deixara de fazer; nos compromissos assumidos consigo mesmo nos momentos de reflexão; nos muitos que não cumprira e, como acontece a nós pecadores inveterados nesses instantes, tomou a resolução de atenuar as faltas, fazendo alguma coisa útil em benefício dos irmãos mais necessitados, para pelo menos dar continuidade aos tantos "começos" que não terminara. Lembrou-se de Joãozinho e de Sobreira, colocou uma roupa esportiva branca, bem simples; sonhou vestir-se de "pureza" e seguiu para a Casa dos Humildes, no Bairro de Casa Forte, para se engajar na Campanha do Quilo. A tarefa começaria às oito horas da manhã. A expectativa acalentada por toda a semana, de desfrutar os prazeres da praia no Sábado, tomar uns tragos com os amigos, desvencilhar-se dos problemas funcionais, arriscar uma piscada de olho para uma garota bonita, soltar um galanteio...Estava esquecida. Reconhecer a "Belle du Jour", musa da Praia de Boa Viagem, do cantor Alceu Valença, disfarçada, passeando entre os banhistas mais jovens do período matinal, também já não importava tanto. Josemar agora queria atender ao lado evoluído, lapidado. Dar ouvido a razão e ao coração. Queria alegrar a alma. Estava esperançoso, cheio de forças positivas, consciente de que já estava vacinado contra o orgulho e não temia os desafios. Chegou bem mais cedo que os demais companheiros à Casa dos Humildes. Estacionou seu carrão de cor metálica cinza, capota de vinil, um Dodje Dart do ano. Abotoou o último botão da camisa, escondendo o trancelim com um bonito crucifixo. Livrou-se do relógio Rolex e da pulseira de ouro que usava, guardando-os no porta-luvas do carro e, logo após a prece, a leitura do Evangelho, às instruções com todos os legionários, saiu em humildade com os humildes, de mochila à mão e o saco às costas, em grupo, pedindo de porta em porta, em direção ao Bairro de Casa Amarela, distante uns três quilômetros, do local do início da tarefa.

Encontrava-se no Pátio da Feira, mais ou menos às nove horas. A alma estava radiante e garbosa. Ao entrar na fileira de barracas, embora ostentando um saco e uma mochila; sua maneira de trajar, aspecto fidalgo, forma de falar, pele, tom de voz, seu porte...Despertaram o espírito gozador de um feirante, que fingindo fraternidade, respeito e admiração pela Campanha do Quilo, doou um "Jerimum de Gogó" de mais de dez quilos, que foi colocado com ajuda, com muita dificuldade dentro do saco, tal o seu tamanho. O jerimum foi carregado no ombro até às onze horas.

Para o amigo Josemar, o fruto pesou mais que a cruz de Jesus Cristo. Foi sua última Campanha.

4º RETALHO

(VERDE BRILHANTE)

Naquele dia, eu estava ouvindo os desabafos de Felix, irmão muito querido; sincero, franco, reto, humano, alegre, sonhador, trabalhador, cheio de ideais para si e para os seus; distribuindo sempre alegria pelo caminho. Poeta, compositor musical, cantor, intérprete, instrumentista. Um ser bafejado pelos deuses. No seu reinado particular, a mulher e suas três filhas ocupam os tronos de rainha e princesas queridas. Mas a princesa maior, também, construiu um reino: atrevido, informal, moderno, lindo...Diferente do de seu pai, a começar pela maneira de trajar, fugindo do convencional.

Um dia, ela chegou em casa usando pircing. O velho rei Felix sentiu seu castelo de areia ameaçado e tomado de ira a agrediu. A espiritualidade presenciou os acontecimentos e se pronunciou em psicografia por meu intermédio, no dia 15.10.1998. Num determinado trecho falou de toda fundamentação psíquica da revolta do rei, ao sentir-se infeliz, atingido pelo desrespeito, julgando-se vítima de ardis perpetrados pela família da esposa com a conivência e conhecimento dos familiares mais próximos, que dando apoio à moça, concorriam para esse estado de coisas. Eis na íntegra a psicografia da irmã Sara:

"Felix, Felício, Felicidade! Meu filho, esta é a mentalização do nome e o código do teu espírito. É o que buscas. É o que prezas, que desejas, que batalhas para ti e para os teus. Mas, nessa busca da felicidade, o guerreiro enfrenta e até mesmo cria muitas guerras. Vê obstáculos onde só existem nuvens, nevoeiros que a aurora da vida dissolverá. _Vê a escuridão onde só existem tênues contrastes para enfeitar o quadro da vida. _ Vê as incertezas onde só há verdades. Encontra inimigos onde só existem pessoas que lhe amam intensamente; apenas de um modo diferente.

Nessa batalha incessante para encontrar a felicidade, o homem aguerrido, passa quase sempre, sem se aperceber, sem maldade, sem intenção, pela felicidade dos semelhantes, não raro, as pessoas que mais ama, tentando fazê-las pensar do mesmo modo; esquecendo o livre-arbítrio de cada um, direito inalienável que o Supremo Criador de todas as coisas, o Pai de amor, justiça, carinho, bondade, respeita nos filhos e não interfere.

Quantos irmãos teus, do mesmo raio ou de outras escalas, não foram condenados pela humanidade pelo jeito de pensar, de falar, de se apresentar perante a sociedade; essa mesma sociedade que mais tarde veio a glorificá-los como pioneiros, como baluartes, como incentivadores e modificadores de costumes. Todos sofreram com os familiares e encontraram apoio nos amigos. Não foi assim com o nosso irmão maior Jesus Cristo, com referência a seus irmãos de sangue? Não foi assim com os que enveredaram pelo caminho do espiritualismo? Na música, onde tens o raio integrado, não é assim? Os que começaram ontem sendo diferentes, fugindo ao tradicional, rompendo com as barreiras da crítica humana, não são os mesmos que estão sendo enaltecidos hoje? Já paraste para pensar, se poderias andar pela cidade, pelas ruas, com este teu cabelo comprido há meio século atrás, não fossem teus irmãos de raio terem aberto o caminho?

> É preciso que medites no transcendental das mudanças pelas quais a humanidade terá que passar.Nas mudanças que exigirão uma nova forma de raciocínio fundamentado apenas na liberdade com justiça e amor. Não teremos muito em breve análises precipitadas sobre o caráter das pessoas, baseadas nas aparências físicas humanas, ou de vestir, ou de adereços e sim no interior, no âmago, no "Eu" dessas criaturas; porque, já nos próximos tempos, começarão a ressurgir as comunicações telepáticas, comunicações mente a mente, em que nada se esconde, em que as exteriorizações mundanas, não terão sentido, não influirão na análise do caráter dos comunicantes, grau de cultura ou de seus sentimentos.

Deves, em lugar de te sentir infeliz, contrariado, desgostoso, fracassado, humilhado, mal compreendido, injustiçado, mal compensado... Atingido pelo desrespeito, pela ingratidão, pelo desamor...Acreditando estar sendo vítima de artimanhas familiares, de intolerância dos parentes, do acobertar de erros da filha pelos entes queridos mais próximos...Sentir-se feliz, agradecer ao Pai ter colocado sob tua tutela um ente dessa lâmina, para que possas orientá-lo; não que ele seja o fundamentado único da mudança que virá, mas que faz parte da falange escolhida para essa transformação. Procura compreender a menina, observar em seu espírito muita coisa que não viste até agora, porque não soubeste ver e porque faltou um pouquinho de vontade nesse espírito rebelde, teimoso, meu filho muito amado.

Sei de teu coração porque te acompanho há séculos e sei que irás compreender-me e irás entender também tua princesa, filha nesta encarnação, porque estão juntos há muito tempo, com grande amor e, não vai ser um pequenino adereço de metal aqui e ali no corpo que é dela e que só a ela, a seu espírito cabe prestar contas, que vai diminuir esse amor tão grande, tão longo, tão bonito, que existe entre vocês. Não foi por acaso que ela te escolheu aqui na espiritualidade como pai. Escolheu porque sabia que para ter êxito na tarefa, precisaria de um espírito na Terra, forte, que a amparasse. Não nega meu filho este apoio. Que Deus te ilumine, que tenhas muita paz e um santo orgulho por tua "princesa" ".

Essa psicografia levava-me a outra.Conduzia-me ao desabafo, a tristeza, a melancolia do poeta Alsena. Ainda, jovem, querido por todos, sensível, humano, alegre, equilibrado, amigo, reclamava ter sempre as

mais belas mulheres apaixonadas por si e ele apenas viver com cada uma delas, fugidias quimeras. Lamentava-se por se apaixonar a cada instante. Por encontrar em cada rosto, em cada olhar, em cada sorriso, um novo sonho lindo, mas que durava muito pouco e vinha a angustia da realidade e o reinício da eterna procura da "Musa do Panteão". Seria uma provação? Agora estava apaixonado e tinha medo que tudo acontecesse novamente.

Um amigo a seu lado que ouvia essas lamentações, em tom de brincadeira, disse, até desejar que "essa prova espiritual tão medonha" fosse transferida para si. No dia 30.07.98, Sara deu esta comunicação, endereçada ao I:. Alsena:

"Alsena, meu querido filho. É para ti esta mensagem de amor. Para ti, que és poeta e trovador. É para ti, que te debates entre os caminhos que levam às alegrias mundanas, às rimas e versos, que só o amor pode inspirar e os vícios que adquiriste no passado, quando envolvido foste nesses momentos de incontáveis prazeres; preâmbulo das angústias espirituais.

Saibas, que o amor se compõe de muitos ais, de muitos sacrifícios, de muitas vibrações transcendentais e acima de tudo de pureza de espírito e de boas intenções, que tens e sabes que tens._ Que são tuas; que ninguém pode tira-las de ti. Mas essas conquistas exigem compromissos ainda maiores para contigo mesmo e para os que te rodeiam. Não deixas que os ainda não domados instintos da alma camuflem como forma de satisfação momentânea essas conquistas, meu poeta, meu menestrel. Pára sempre, para pensar. Não busques na satisfação de um sorriso, de um rosto bonito, de uma grande versatilidade no trato humano, no conhecimento intelectual, no discernimento, na simpatia momentânea...Ou no cabelo, no rosto, nas pernas, no andar, na imagem aparente, enfim: a meta, a musa de tuas conquistas; mas sim, na sinceridade, na humildade, na pureza de coração e acima de tudo no bem que te desejem, a razão de tua busca.

Digo busca, porque ainda estás procurando. Digo busca, porque ainda não percebeste aonde ir, quando chegar, quando parar. É a eterna procura, desse espírito treloso, obstinado, insubmisso, desse filho de Sara. Ama, ama muito. Isto é bom. Mas, doma esse amor. Não te desesperes nunca quando pensar não ter encontrado ainda. Quem sabe se o dia de amanhã não te dará a certeza de tudo? _ As desilusões, as traições, as incertezas, essas angústias, são os itens que nosso Pai de infinita sabedoria entremeia os desígnios para que possamos compreender a beleza dos contrastes.

Alsena, a hora é sempre chegada. O momento é sempre o atual. Cabe tão somente a nós que procuramos, sintonizar com ele e nos esforçar para não vislumbrarmos o "não" que não vem e o "sim" que não existe, ou ambos que não combinam em determinados instantes. Medita, medita muito, principalmente pela manhã. Vibra para tua família, para as pessoas ao teu redor e por ti mesmo.

As ondas passam, o som também. O vento e a conseqüência seguem. Só nós ficamos. Somente nós, que somos Deus. "

5º RETALHO
(VERMELHO ESCURO)

Mas essas respostas exigiam muitas perguntas e eram tantas as indagações e se aglomeravam no gargalo estreito de acesso ao consciente e se conturbavam, como se tomassem vida pela força da vontade, como se cada uma quisesse priorizar-se sobre a outra, egoisticamente, reflexo de minha personalidade indecisa, inquieta, conturbada. Eu não conseguia memorizar um ponto mais forte que agregasse todos os demais pensamentos em sentido ou importância. Chegavam-me à mente fatos isolados da vida, mas que não exigiam respostas. Foram apenas situações vividas, acontecimentos da mocidade: o dia em que embriagado pelo vinho, andei por cima de uma fogueira e não me queimei e imbuído de uma tremenda confiança, de que as forças da natureza curvavam-se ante mim, quis mostrar a todos os presentes que poderia sentar nas brasas e nada aconteceria. Necessário foi muita força de persuasão dos amigos para me demoverem da idéia.

Lembrei-me de uma reunião no Centro Espírita Mensageiro do Bem, em Jordão, em que o tema abordado no Evangelho, foi caridade. Após a reunião, um irmão deixou-se dominar pelo animismo e parecia estar incorporado. Confundia os doutrinadores que se esforçavam em doutrinar uma entidade externa que não existia. O médium conturbado insistia em continuar a encenação, convergindo para si às atenções.

Nós estávamos à distância e percebemos a realidade; nos aproximamos e bem baixinho, no ouvido do irmão, ameaçamos revelar toda a farsa aos demais presentes. Foi o suficiente para o "espírito" ir embora. Todavia o assunto não se encerrou por aí. Logo que saímos do Centro Espírita e nos dirigimos para o estacionamento, o mistificador crendo-se livre de nossa presença, voltou a carga, aproveitando-se da boa vontade de um obreiro bem intencionado, que do lado de fora, procurava doutrinar o "espírito" e até censurava a falta de caridade por deixarmos um irmão vítima de obsessor, perambulando na noite, por lugares esmos, abandonado a própria sorte; atitude aquela, contrária à lição do Evangelho, lida na reunião que acabara de terminar.

O obreiro não se conformava em deixar o médium desamparado. Estávamos junto ao carro, aguardando o desfecho da doutrinação ao ar livre, numa campina deserta. E o "espírito" andava para cá e para lá

e o doutrinador com paciência tentando convencê-lo a "abandonar a matéria" e o tempo passava e já eram decorridos mais de vinte minutos naquela peleja, até que, de repente, ouvimos essas palavras gritadas: "irmão Nilson! O espírito não quis pisar na lama". Era Pedrinho, irritado, possesso, ao observar que na caminhada, amparando com esforço e abnegação o irmão carente, ao surgir no escuro uma poça d'água, o "espírito incorporado" não quis sujar o sapato e deu um salto para a esquerda, para se livrar da lama.

Com muito custo demovemos Pedrinho de não surrá-lo, envolvido que foi de um acesso de cólera, que anulou por instantes, parte de suas conquistas de paciência, amor e fraternidade. Era aquele mistificador, um pobre homem doente, invertido sexualmente, narcisista, vítima de carência afetiva.

Foram muitos fatos isolados que a memória quis prender para transformar em perguntas a mim mesmo. Mas todos eles vinham misturados como novelos de linha de diversas cores, que, ao serem separados, eram rejeitados pela aparição de outros mais interessantes em cor, espessura ou conformação. Como o excesso de opções é tão prejudicial quanto à falta, eu não conseguia chegar a uma definição sobre qual tema escolher e parti para a escrita do que me chegasse primeiro na lembrança, sem me importar se tinha ou não conexão com o anterior. Seria a cocha de retalhos de minhas experiências, que propus fazer no início deste trabalho.

Por esse processo recordei-me da reunião mediúnica de desenvolvimento realizada nos idos dos anos sessenta no Centro Espírita Mensageiro do Bem. Ela projetou-se na mente, completa, intacta, plena. Mostrou-se em ambiente, vibrações, luzes e sons.

Fomos doze ao todo. Eu e Carmem Lúcia, Edésio Castelo Branco e Neuza, Jó Rabelo e Darcy, Seu Matos e Débora, Antonio Firmino e Maria Branca, Manoel Marques e Joana Norberto. Joana Norberto, deficiente visual, era a presidente do Centro e a dirigente dos trabalhos. Durante uns quatro anos nos reuníamos duas vezes por semana: as terças e quintas feiras, às oito horas da noite. Conseguimos estabelecer laços de amizade, fraternidade, afinidade tão fortes, que somente uma doença grave, poderia inviabilizar os encontros de estudo.

O Centro Espírita Mensageiro do Bem, antes de ser transferido para o Bairro do Jordão, em Jaboatão do Guararapes – PE, ficava na Rua Augusta, no segundo andar de um sobrado pegado a Igreja dos Martírios, no Bairro de São José, no centro do Recife; rua que foi toda demolida para a construção da Avenida Dantas Barreto.

A Rua Augusta era estreita, casario estilo colonial de no máximo três andares, com suas varandas sacadas ao estilo da época. Era uma rua mesclada de residências e estabelecimentos comerciais: bares, mercearias, hospedarias... Pequenas oficinas que iam desde as de conserto de relógios, de máquinas de escrever, de fogões e panelas... Até de bolsas e guardas-chuva. Suas calçadas individuais a cada prédio, interligadas e no mesmo estilo, algumas mais elevadas que as outras, formando batentes, ficavam bem mais altas que o passeio da rua, em pedras rústicas bastante desgastadas. Era uma rua mal iluminada; mas, esse fator em vez de ser negativo, lhe dava um tom mais humano e calmo, envolvendo-a como que, num espírito familiar, aconchegante e gostoso. Muitos moradores sentados em cadeiras nas calçadas, em frente aos prédios. Garotos brincando.

O vento, que fizera o giro de boemia pelo Bairro do Recife, voou sobre o Rio Capibaribe, trazendo, amarrados nas asas, saquinhos com o pólen da nostalgia que colheu em seu passeio e distribuía em cada foco de luz incandescente dos postes de iluminação pública, para que se abrissem sobre todo aquele labirinto de ruas antigas, pela noite afora, em forma de carícia romântica, nessa poesia que a gente guarda na memória e lembra por toda a vida e que a iluminação a vapor de mercúrio jamais poderá criar.

Alguns poucos bares isolados, revezavam-se à noite com suas radiolas de ficha e, antes de dar uma característica comercial e mundana, concorriam para o equilíbrio harmonioso da alma da Rua Augusta. Um desses estabelecimentos ficava justamente em frente ao Mensageiro do Bem: _ era o Bar do Neco. Nos dias de reunião o som não era ligado entre sete horas e dez e meia da noite, para não atrapalhar os trabalhos espíritas. Isto ficara acordado amigavelmente entre a diretoria do Centro e o proprietário.

Naquela época, estávamos no começo do desenvolvimento mediúnico, situação em que os médiuns desprendem muito esforço de concentração para entrar em contato com a espiritualidade e necessariamente esse ajuste de sintonia vibratória, depende dos fatores: silêncio, oração, ambiente amigo e amoroso. Uma determinada Terça Feira, não sabemos por qual motivo, o dono do bar não desligou a radiola. Muito pelo contrário, aumentou o volume, perturbando todo o trabalho. Por mais que insistíssemos, não podíamos nos harmonizar. Ai, um fato inusitado aconteceu; fato este que nos serviu de grande lição pra reforçar a nossa fé, que como quase sempre acontece com todos os médiuns, no começo do desenvolvimento, era entremeada de dúvidas.

Os boleros de Bienvienido Granda faziam-se ouvir. Os mambos, as rumbas... Era o domínio completo do som sobre a vontade. Foi nessa dimensão emocional que um espírito freqüentador dessas reuniões, Ben Aly, deu o ensinamento. Ele se apresentava com uma vestimenta árabe. Traje ideoplástico de um sheik, com túnica ao estilo oriental e uma jóia vermelha incrustada num turbante azul que usava. Denotava muita retidão de caráter, boa vontade, luta pelo aperfeiçoamento e rigor no que considerava certo; chegando muitas vezes a irritação. Esse espírito, em dado momento foi tomado pelas vibrações de impaciência emanadas dos que ali

estavam tentando sintonia, para o início das comunicações e, envolvido nessas emissões de energias afins, falou através da médium Joana Norberto: "vou lá embaixo resolver". Segue-se o silêncio e antes de cinco segundos, ouviu-se um pipoco. A radiola de ficha queimou.

6º RETALHO
(AZUL PETRÓLEO)

Sonhei que estava numa bela área implantada em região selvagem. Encontrava-me num morro olhando o desenho que os cursos d'água traçavam por entre a floresta plana. Nenhum desmatamento, nenhuma estrada. Eram muitos rios: longos, estreitos, largos, curtos. Rios pequenos que se juntavam aos maiores, aumentando seus volumes, formando baías que escorriam por riachos dentro da mata virgem e que tocados pelos raios do sol, contrastados pelo verde em suas sutilezas de tonalidades, pareciam tranças prateadas de luz saídas da cabeça da natureza. Incontáveis ilhas nos roteiros.

Adiante, muito alem, no limite da visão; um ponto distinto, diferente do verde: uma cidade. Atrás, o mar. Ao meu lado, diversas pessoas adultas. Lá em baixo, bem perto de nós, numa baía de águas límpidas e praias de areia amarela bem clara, _ indiozinhos com seus olhos rasgados, corriam, gritavam, pulavam, saudáveis, trelosos, traquinos... Na bendita impulsividade dos primeiros anos da idade. A meninada fazia algazarra, espantando os pássaros, pulando n'água, dispersando os peixes. Jogavam cascas de nozes nativas, uns nos outros e se escondiam atrás dos grandes tocos de árvores, espalhados pelo local, introduzindo a balbúrdia na natureza silenciosa, harmonizando-a pelo contraste; até que resolveram entrar nas igaras ancoradas, que dançavam como marionetes regidas pela mão do vento, amarradas por cordas de agave a caibros fincados no leito do rio e, senhores absolutos das ações começaram a remar, cada grupo escolhendo uma direção. A princípio timidamente, procurando entender ou sintonizar força e efeito e logo, imprimiram um ritmo forte de competição definindo os objetivos, como se disputassem um troféu visível somente nos sonhos particulares. E foram e sumiram pelo emaranhado das estradas fluviais com suas realidades e fantasias mais belas.

Estive pensativo, por alguns momentos. Fui envolvido por todas aquelas imagens que me foram mostradas e me deixei entregar aos devaneios, que vinham de dentro da alma, imaginando-me acompanhá-los, supondo poder ver, mais uma vez, o trajeto que eu tão bem conhecia; a paisagem que tanta felicidade me proporcionou. –Quem sabe, até que poderia modificar o itinerário em alguns pedaços de caminhos!

Os garotos desapareceram no embrenhado do labirinto dos rios. Os planos de acompanhamento e retaguarda foram exaustivamente estudados por nós. As apreensões, os medos, as angustias da espera, a esperança do sucesso...Tudo isso foi sentido nas dimensões maiores, nas superposições inimagináveis, nos cenários que somente o sonho oferece e eu vivia todas as situações criadas, como observador e como observado, numa interação de emoções formidável. Pareceu-me ser o líder da missão. – Não recrutado por ninguém, nem tampouco nomeado; porém o líder natural... Sempre partiam de mim as instruções sobre como achá-los vitoriosos, vencedores, ilesos; como se a responsabilidade do resgate fosse principalmente minha.

Os mapas eram constantemente estudados, confrontados com a paisagem natural da região; rememorando-se pontos que também foram atingidos em outras viagens no passado. Algumas vezes esses mapas eram tão grandes, que se confundiam com os cenários, na projeção gráfica que somente a ilusão pode realizar.

Já bom tempo transcorrera desde a partida das crianças na baia ao pé do morro._ Tempo que não sei precisar, pois nesses estados do sono, somos pródigos em opções de encurtar ou prolongá-lo indefinidamente, a mercê de nossa vontade. O lugar onde eu estava agora era outro: uma cidade ao que parece, Recife antigo ou quem sabe do futuro. Eu tinha a certeza que a correnteza dos rios, forçosamente levaria os indiozinhos para a região do imenso lago, bem próximo do lugar onde me encontrava no momento, pois para ali convergiam as águas vindas de todos os cantos da floresta. Trafegavam por essa região, embarcações de vários tipos, desde pequenas jangadas de pescadores a saveiros; desde escunas a lanchas velozes. Dei instruções para que os amigos colaboradores se embrenhassem pelas cercanias colhendo informações. Estava certo, confiante de que, dentro de horas, acharíamos o grupo. Vi-me em segundos em outro local passeando e comentando com Carmem Lúcia, as mudanças que a cidade estava apresentando. Olhávamos ruas serem restauradas com implantação de paralelepípedos antigos e lampiões a gás. Calçadas redesenhadas. Trilhos de bondes desenterrados em alguns trechos. Em outros locais, trilhos serem implantados a fim de preservar-se a memória da cidade. _Tantas modificações que o vai e vem da história introduz: abrindo janelas, fechando portas, derrubando muros, isolando ruas, construindo, aplainando...

Chamou-me a atenção, uma praça muito parecida com a Praça do Farol, na cidade de Olinda, PE, contendo um poço no centro com uma engrenagem circular e trilhos sobre ela, servindo de girador para os bondes. Essa roda dentada horizontal, estava sendo pintada por alguns operários. O carro motor do bonde parava no centro desse poço e um mecanismo fazia todo o conjunto girar, invertendo o sentido de direção do veículo. Ainda mais surpreso fiquei, ao ver minha mulher, bem mais moça, dando explicações técnicas e teóricas a um

grupo de jovens sobre aquela aparelhagem do passado distante, que eu apesar de mais idade não conhecia; como se ela tivesse convivido, em algum tempo ou lugar com aquilo.

Um senhor beirando os setenta anos, de estatura média, cor branca, gordo, simpático, careca, chegou-se a nós. Era um médico e mais tarde vim, a saber, chamar-se Jorge Sá; passou a conversar comigo e me orientar. Dizia ser o responsável pelo desfile de tropas do Exército e de batalhões de Polícia em época de festividade. Tomou-me pelo braço e deixamos a praça, seguindo apressados e conversando, por uma rua em sentido contrário ao logradouro. Seus passos eram firmes, largos e ligeiros. Espantava-me com o vigor do velho gordo. Ele falava da responsabilidade que nós tínhamos com os resultados desses desfiles, nessas tarefas coletivas, que são colocadas sob nossa orientação. Falou que deveríamos agir com firmeza não deixando passar pontos sem atenção. Puxava-me na andança, como quem estava em busca de algum resultado da aventura dos meninos, resultado esse que já deveria ter chegado ao seu conhecimento, pois momentos antes, eu tinha dito aos amigos, que os garotos em pequenos barcos deveriam passar por aquela região costeira e se concentrar em determinado trecho do rio; que embora cheio de afluentes, ficava numa zona muito movimentada e, portanto, perguntassem aos pescadores, aos barqueiros, aos moradores das margens... A quem pudesse ter informações sobre as igaras com os meninos e eles por certo dariam as coordenadas.

O médico, puxando-me na caminhada, dizia que eu era forte, contudo às vezes eu parava e não devia parar, porque dava motivo para que as dificuldades se arregimentassem novamente. Dizia-me que, quando tivesse que descansar ficasse pulando, saltando de uma forma que todos vissem que estava com saúde e muito firme. Dizia e agia como um atleta esquentando os músculos. Eu estava surpreso em ver o velho com tanto vigor e dentro de mim, pensava em segui-lo e mostrar que também podia fazer o mesmo.

Ele parecia saber o que eu estava pensando e corria ainda mais rápido. Eu atrás dele corria também. Quando percebia que ele diminuía o ritmo como a querer ajudar-me, aumentava os meus passos para superá-lo. Foi quando nessa disputa, desabamos em um pátio a beira de um cais. Lá estavam os garotos. _Todos foram achados e a turma gritava: “Nilson venceu! Nilson venceu, achamos!” Nisto, Carmem Lúcia me acordou.

Saltei da cama, peguei uma caneta e registrei o esboço da mensagem antes que a mente apagasse. Não precisou de muito raciocínio para concluir, ter sido o sonho, uma orientação para minha vida e de tantas pessoas que têm medo de “soltar” os filhos, como se eles fossem sempre criancinhas de berço. Foi uma grande lição mostrando-me a necessidade de encaminhá-los na vida, respeitando seus gostos, sonhos, personalidades, individualidades... E acima de tudo o livre arbítrio de cada um. Orientando, esclarecendo, porém não intervindo diretamente nos objetivos, para que possam chegar a seus destinos pelos próprios esforços, vencendo por si mesmos as provas.

7º RETALHO
(AZUL ESCURO)

Fui sugado para os anos setenta. O Centro Espírita Mensageiro do Bem da Rua Augusta havia sido demolido. Erguemos outro no bairro Jordão, em Jaboatão _ perto ao Aeroporto dos Guararapes. Inicialmente construímos em madeira. O ambiente era conturbado; podia-se chamar o império da poluição sonora. Além da zoada de aviões em suas rotas de decolagem, junto do novo Centro até ensaios de batucadas e pagodes, havia. Esses atropelos, entretanto, longe de nos afastar dos encontros, nos ajudaram a exercitar concentração mental em situações adversas. Aprendemos a fazer um cordão de isolamento de vibrações que nos permitia não tomar conhecimento do que se passava fora da sala de trabalhos.Tivéssemos atingido esse estágio, na época da Rua Augusta, não teria sido necessário a intervenção do querido irmão Ben Aly na radiola de ficha.

As visões foram se delineando para formar a colcha de retalhos. O Centro Mensageiro do Bem agora estava construído em alvenaria. _ Amplo, ventilado, moderno, aconchegante. As reuniões se realizavam quase todos os dias: desenvolvimento, evangelização, desobsessão...Iniciavam às sete e meia da noite rigorosamente. Para as reuniões de desobsessão, os portões eram fechados há essa hora. Quem não pudesse chegar a tempo, era preferível não vir, pois feita à prece de abertura dos trabalhos, por nenhuma hipótese poderiam entrar no recinto, para não quebrar a corrente vibracional.

Morávamos na Praia do Janga em Paulista. PE, portanto, para chegar ao Jordão, atravessávamos as cidades de Olinda e de Recife. Eram aproximadamente quarenta quilômetros de viagem. – Saímos atrasados de casa certo dia e tivemos que correr mais do que o normal para chegar à reunião. Cortamos caminho pela Avenida Recife, ainda em construção em alguns lugares. Ao atingirmos a Ponte do Caçote, havia um estrangulamento só dando passagem para um único veículo. Um trecho de uns cinqüenta metros. Vínhamos em velocidade e como a ponte era em elevação, não percebemos no outro lado, a aproximação de um caminhão em sentido contrário. Foi tudo muito rápido. Cruzamos com ele bem no meio da ponte. Não houve tempo para pensarmos em nada. Sentimos um calor diferente, muito forte, difícil de descrever. Sei apenas que não sufocava, nem queimava, como jamais pudemos imaginar existir. Olhei pelo retrovisor interno, vi o veículo se distanciando e comentei com minha mulher ao meu lado, termos nascidos naquele momento.

O calor forte, diferente, nos impressionou. Chegamos pontualmente a reunião de desobsessão. Não contamos o fato a ninguém. No início dos trabalhos, um espírito incorporado num médium, em palavras dirigidas a mim, pediu para ser mais cuidadoso quando estivesse dirigindo, porque nem sempre os espíritos têm permissão de ajudar, fazendo o que fizeram. Somente eu e Carmem Lúcia, sabíamos o que ele queria dizer. – Ao voltarmos para casa, a curiosidade nos levou a fazer o mesmo percurso e verificar o lugar onde o fato tinha acontecido e, qual não foi à surpresa ao constatar, não haver a mínima possibilidade de haver passado por ali, dois veículos, um automóvel e um caminhão. Passariam, bem apertados, devagar, um caminhão e uma bicicleta. A única conclusão lógica que nos veio à mente foi que houve desmaterialização.

As lembranças de acontecimentos, de sonhos, de psicografias...Iriam se intensificar, se eu não sintonizasse com os pensamentos que agora chegavam com maior nitidez. Mas, o que desejava mesmo era analisar essas experiências já relatadas, enquadrando-as dentro de um significado lógico previamente estudado, definido pelos guias espirituais para a iniciação ou quem sabe, complementação de aprendizado; de um estudo que deveria fazer na presente encarnação, com um fim específico que não me foi dado conhecer, mas de um significado mais amplo e certo, que é o da evolução de meu espírito sob um determinado prisma de visão.

Parei um pouco nesses mergulhos. Sabia que nos fatos passados estão os maiores componentes das verdades; os antídotos para evitar novos fracassos, as armas para todas as vitórias, _ a compreensão dos fins a que se destinam as lutas. Sabia que essas memórias nos fornecem, quando as enquadramos ao presente, o farol para que possamos trilhar pelos caminhos escuros, sem atropelar ou sermos atropelados pelos que buscam as soluções, pelos que têm as mesmas esperanças, pelos que almejam idênticos fins. E lembrei de tudo que foi vivido. E recordei-me do sonho, e vivi conselhos espirituais de Sara, psicografados para orientar queridos irmãos que estavam em desalinho psíquico. Foram experiências da interferência dos espíritos no cotidiano.

"O VELHO DA PONTE" me fez assimilar não somente a necessidade da humildade, como também que não somos nada no teatro da vida, sem a participação da espiritualidade, que cria os cenários, convoca os atores, escolhe as roupas, a iluminação, a música...A estória. Deixa a interpretação e o desempenho dos papéis a cargo dos artistas envolvidos, dando oportunidades a todos de conduzirem a interpretação, como bem quiserem. "O VELHO DA PONTE" mostra também que o lado belo do ser humano, muitas vezes está coberto de sujeira e andrajos e que o Pai se faz presente, quase sempre disfarçado de mendigo. "A CAMPANHA DO QUILO NO ÔNIBUS DE DOIS IRMÃOS" , como também "O JERIMUM DE JOSEMAR" revelaram a necessidade da humilhação do orgulho e como ele pode ser o principal entrave ao progresso, fazendo com que tenhamos geralmente uma elevada opinião de nossa pretensa superioridade, aniquilando a humildade e, sem essa virtude, não podemos ser caridosos para com os semelhantes e dignos de nós mesmos.

"BEN ALY E A RADIOLA DE FICHA", iniciou-me na compreensão da mediunidade de efeito físico e a "DESMATERIALIZAÇÃO NA AVENIDA RECIFE", permitiu um passo mais à frente nesse processo, vivenciando o emprego do fluido astral dos médiuns e de objetos, numa operação extraordinária. "A FOGUEIRA DE JOANA", criou a certeza de minha força interior, a manipulação da fé e o incentivo para continuar desenvolvendo essa força. As reuniões no Centro do Jordão, junto de escolas de samba, mostraram como a abnegação, a vontade firme, o treinamento, a concentração, nos podem conduzir à paciência e ao domínio de nós mesmos.

"O ESPÍRITO QUE NÃO PISOU NA LAMA", manifestou a necessidade da vigilância no trato com o invisível, a fim de não sermos enganados e arranhados na fé pelos embustes a que somos arrastados, vítimas da própria falta de equilíbrio na análise dos fatos que nos são apresentados em trabalhos mediúnicos. Os dois conselhos de Sara, patenteiam que os médiuns têm o dever e a obrigação de ser os mensageiros da espiritualidade, sempre que os mentores precisarem dar recados conscientes aos tutelados.

"O SONHO", deu uma visão da tarefa de ser pai. Apresentou um pai preocupado com sucesso do filho, criando oportunidades para esse sucesso; monitorando suas empreitadas, acompanhando de longe sua trajetória na vida, nunca interferindo na rota, em seu livre arbítrio. "PERCEPÇÃO", trabalho intuído por Amaro nos fez ver a necessidade de harmonizarmos o templo psíquico com o grande templo do Universo; nos ajudando a assimilar os símbolos vivos em todas as formas de vibração. O recarregar do inconsciente com todas as imagens, sons, luzes, forças, perfumes ao nosso redor. Elementos esses que geralmente insistimos em desconsiderar como importantes na busca incessante da felicidade.

Por longo tempo a saudade me acariciou e se mostrou mais bela. Conversei com ela com muita paixão e me fui deixando anestesiar pelo perfume das lembranças felizes, até que, tomado de intensa emoção, fui envolvido pela presença do poeta Amaro, inspirando-me a música Recado, como quem antecipa o momento da última batalha pela vida, quando o guerreiro terá que renunciar a disputa, para não desesperar a calma do porto de destino, já bem mais próximo;

Quando a vida chegar no rebaixo
E os versos mais lindos fugirem de mim;
Quando as rimas

Deixarem as primas
E o canto sem coro, sem vozes,
Sem choro, não quiser sair;

Quando tudo tiver acabado,
Vencido e domado
Me vejas assim...
Quando tudo tiver terminado
Me pega em teus braços,
Me deixa dormir.

Ai, me pega em teus braços,
Me encosta em teu colo,
Me afaga a cabeça,
Me deixa dormir.

Ai, me pega em teus braços,
Me deixa dormir.

Esta inspiração, este recado para a minha amada "Cabelo de Fogo", chegou em forma de canção e apressei-me em pegar o gravador e cantar baixinho, antes que, tudo fosse embora, corresse de mim.

Despertei de minha nostalgia, precisava viver, lutar, vencer. Por instantes, quis retirar a música do livro, porque estava tentando escrever um tema espírita, sério, fechado. Pensei suprimir a página por outra, na seqüência da escrita. Hesitei, relutei e por fim, um impulso maior convenceu-me a deixá-la intacta, pois afinal só dizia coisas do coração e, o coração é quem bate o compasso dos desejos e do amor. É como o surdo que marca a cadência do samba e que grita em forma de murmúrio os tons nostálgicos da alma do sambista e quem cochicha, gritando na avenida, a expressão mais alta do amor, na festa da alegria. Era a alma que falava.

Tudo isso se passava naquele enlevo, naquela pausa de vida. E tudo aquilo contraiu, descompassou, espremeu meu coração e o desejo de viver de novo a infância e mocidade tomou conta e por não querer me aprofundar nas lembranças, expulsei-as, como o diabético faz com o açúcar que lhe maltrata: deseja, mas o repele. Entretanto, elas pularam no dorso do cavalo de fantasias, no galope das recordações e se agarraram em mim, me tomaram as rédeas dos sentimentos, conduziram-me no trote da saudade usando esporas de amor... E fui intensamente feliz por alguns momentos.

Vi-me Criança, perto dos operários que emendavam os trilhos para a implantação dos bondes na Av. Caxangá, nos idos de 1940 e eles entregando-me restos de eletrodos para que brincasse de soldadinhos de chumbo. E eu dava vida aos heróis. Vi dona Iracy, minha professora, linda, com seus olhos verdes, seu sorriso, sua meiguice. Foi a deusa inspiradora dos belos sonhos infantis. Foi meu primeiro amor. Quanto que chorei ao me despedir do Grupo Escolar Fernandes Vieira, no bairro de Iputinga, para ingressar no Ginásio Salesiano. Não sei distinguir se era pela escola e os colegas que chorava, ou a antecipação da saudade dela. _Mas vieram tantas outras lembranças, escurecendo a tela de felicidades.

Acompanhei pela PRA-8, Rádio Clube de Pernambuco, a movimentação da 2ª Guerra Mundial. Vi tio Edvaldo chorando, covardemente, com medo de ser convocado para o campo de batalha. Ouvi os noticiários do Repórter Esso sobre os navios brasileiros que eram torpedeados pelos submarinos alemães, em nossas águas territoriais. Com que ansiedade acompanhava os noticiários sobre o afundamento dos submarinos pela aviação de guerra do Brasil, olhando para o ponteiro fixo do rádio "Phillips Holandês", como se a voz saísse pelo mostrador e não pelo alto-falante. Participei do "quebra-quebra" contra os alemães e italianos residentes em Pernambuco. Ajudei a saquear e quebrar as residências de dois bondosos velhinhos, um alemão e um italiano, nossos vizinhos, do bairro de Iputinga em Recife, carregando no "esforço de guerra" os materiais tomados para serem transportados pelos bondes da Pernambuco Tramways, empresa inglesa que explorava esse transporte...Como me lembro com tristeza do fato, embora tivesse pouco mais de dez anos, na época.

As lembranças boas e más apareceram na tela e o estabilizador vertical da mente fez rodar sem controle e eu não sabia como parar. Elas por fim sumiram, se esconderam, agruparam-se ao meu ser, completaram os arquivos, organizaram outros... Exigiram novos compartimentos de memória, separações, segredos...Algumas trancas mais sofisticadas, como se quisessem ser guardadas eternamente.

Compenetrei-me de que o homem é composto de sentimentos sob forma de energias. Os labirintos que existem dentro de cada emoção são tão improváveis de se desvendar, que a probabilidade dessa revelação, passa a ser pura ficção. São tantas as trilhas a percorrer, são tantos os caminhos, os túneis, os atalhos. São tão inúmeras e interligadas as alamedas do conhecimento, que os pensamentos se perdem, como que na procura do nada, ou do tudo inatingíveis.

Já estive hipnotizado, começando a penetrar nesses caminhos. Já passei por esse processo, – o de querer saber tudo, enfeitiçado por cada “parte de verdade” que se me apresentava. E eu largava a outra que mal iniciara a penetrar. É a obsessão da beleza desconhecida, inatingível para quem não tem ainda a sabedoria interior. Isto é muito danoso para o espírito. É loucura premeditada. Eu estava me distanciando da realidade; do que sinto, do que vejo, do que ouço, do que compreendo, do que a lógica e a razão me indicam... Do que me foi dado possibilidade de compreender, desdobrar, multiplicar, transmitir às outras pessoas e por retorno beneficiar-me. Não podia mais incorrer nos mesmos erros pelos quais tinha passado; comuns a muitos irmãos, que tudo querem aprender, sem compenetrar-se num ponto nitidamente definido. Não poderia seguir pessoas que vivem procurando as diversas religiões, abraçando fanaticamente por períodos, variadas filosofias e com o mesmo fervor com que as buscam e defendem, desprezam-nas atraídos por outras verdades que lhes são oferecidas, na utopia de querer compreender Deus no aspecto metafísico e chegar à Essência, _compreendê-Lo, penetrá-Lo... Simplesmente pelo estudo e pela contemplação, esquecendo as boas obras, único instrumento capaz de permitir a sintonia com Ele. Já fui muito freado nesse ímpeto de tudo querer saber.

Em um livro de uma Organização, que tem como principal finalidade tornar feliz a humanidade pelo aperfeiçoamento dos costumes, existe uma definição muito profunda que diz: “a principal característica do homem ignorante, é querer saber tudo que não lhe é devido e não saber o que deve”.

Sara, quando me encontrava na ânsia de aprender mais e mais, desordenadamente e lhe fiz uma pergunta, respondeu-me: “por que queres estudar em livros, que ainda não te foram oferecidos?” Isto me bastou para conter a ânsia de conhecimento do inatingível e me concentrar no desdobramento do pouco saber que já tinha adquirido, tarefa esta que ainda me resta muito por fazer.

Um irmão espiritual muito amigo, José Luis de França, observou que eu estava sendo enganado pelos trabalhadores na propriedade rural. Eles se aproveitavam de minha inexperiência e sempre sugeriam a abertura de novas frentes de trabalho para essa ou aquela cultura. Parte dessas frentes eram abandonadas pela chegada do inverno ou do verão. Um certo dia, ele se comunicou comigo, no linguajar sertanejo, de pelo menos cem anos atrás; (*) “Vosmicê bote isto no quengo: não havie de roçar nem um taquinho de braça sem antes da fim a conta que vosmicê levantou e tá limpa”.

Karen Horney, psicanalista, em seu livro Nossos Conflitos Interiores, falando para as pessoas que vivem a abrir frentes de estudo sobre diversas matérias ao mesmo tempo em busca da evolução e não concluem nenhuma, assim falou: “o individuo para modificar-se precisa construir o seu sistema de valores” e, meu mentor espiritual Tancredo de Millys complementa: “... Se o tempo é pouco, procure administrá-lo muito, eliminando o supérfluo de sua busca e se concentrando no que realmente tem peso em suas necessidades”.

São maneiras diferentes de falar; no entanto, todas elas têm o mesmo sentido: a necessidade do delineamento dos nossos anseios.

(*) Coloque isto na cabeça: não comece o roço (limpeza bruta do terreno) de mais uma braça (2,2m²) sem antes terminar de plantar a conta (22m²) que você limpou (deu o preparo final para o plantio).

8º RETALHO
(ROSA)

O desejo de fugir do supérfluo e me concentrar na transmissão de algo para os amigos era muito forte e, paradoxalmente, me conturbava. Eu queria simplificar demais, delinear tudo e os pensamentos chegavam bombardeados de um excesso de críticas aos assuntos mundanos que não poderia deixar de fora do livro, mas não sabia como enquadrá-los no escrito espiritualista. Não obstante, o que é um livro espiritualista? Será aquele que fala somente em espíritos, em temas bíblicos, em moral evangélica, em Esoterismo... Em assuntos sublimes? Será que não existe, no nosso cotidiano vulgar, algo de espiritual, de exemplos, de provas, de erros, de acertos, de amor... Mesmo quando há tanta coisa positiva no dia a dia que deva ser exaltada? Afinal a Terra não é a escola que o Pai nos facultou para que por nossas experiências e livre arbítrio nas vitórias e nas derrotas, possamos evoluir como pessoas?

Chegou-me à memória a sugestão de Sara para que levasse ao conhecimento do público as psicografias que recebi e pediu que as encaminhasse do meu jeito de falar, sem carolismo, sem misticismo...

Entendi que, quando as mensagens foram redigidas, deveria haver um planejamento maior, que naqueles momentos não percebi. Era justamente como se fossem partes de um livro, escritas antecipadamente para uma junção futura a ser definida. Comecei a reler as psicografias passadas e todas agora tinham um sentido enorme, que não vira antes. Junto com elas vieram também algumas composições avulsas, brincadeiras com amigos e, quando de algum modo ativavam teclas, ligavam-me à juventude na Iputinga.

Essas emissões de energia eram muito fortes e saturavam as imagens na tela da mente, provocando um alheamento momentâneo como se eu fosse atirado para outra dimensão no tempo e no espaço, processo impossível de descrever.

Vivia a juventude novamente. Ainda estudante de colégio, não tinha tempo para cogitar em coisas espirituais, como a humanidade pensa pensar. Procurava gozar a vida, a bela vida, dentro dos ditames que ela me oferecia. Tinha tudo que o espírito precisa para ser feliz na Terra: juventude, saúde, média situação financeira. Estudante, aviador, cheio de vontade de viver, com tempo de sobra para sonhar e não era muito feio. Fazia parte de uma turma de amigos iguais, chamada de PENAS PRETAS. Dominávamos a vida social da Iputinga, naquele tempo, considerado um pequeno bairro de classe média. Fazíamos assustados (*), quase a semana toda. Organizávamos gritos de Carnaval, festas de São João...Era o reinado da brincadeira e da animação. Como não poderia deixar de ser, criamos amigos e também alguns descontentes, principalmente entre as mocinhas chegadas de outras regiões e que vieram morar nas casas construídas pela Caixa Econômica. Uma nova população que se instalava em bloco, dentro de uma comunidade quase familiar. Houve oposição à hegemonia tradicional e foi criado o grupo dos PENAS BRANCAS, que como podem observar pelo nome, tinha os objetivos contrários aos nossos.

Com o passar do tempo, o implacável tempo, os cabelos dos PENAS PRETAS foram embranquecendo; os corações não mais vibraram em sentido de disputa, mas esquecemos de retirar as barreiras que ficaram e não percebemos. Ficamos idosos e indiferentes uns com os outros, sem haver motivo real e sim falta de motivo para a reaproximação. Numa certa ocasião, encontrei a líder dos PENAS BRANCAS, agora esposa de meu irmão maçom, numa serenata entre irmãos, nesses acasos que o acaso faculta e aquilo que era motivo de separação, passou a ser uma grande razão de amizade e da vida em comunidade, revivendo com humor as pancadas de amor que recebemos no passado.

Narrei uma história, como quem volta a um tempo na idade média, para explicar o que significaram PENAS PRETAS e PENAS BRANCAS para a sociedade do Bairro de Iputinga e ao término da explanação, para não perder a energia vibracional da fraternidade inserida no contexto, foi proposto o simbólico ACORDO DE PAZ, que mostra como os espíritos nas decepções, nas dificuldades, nas contendas... Encontram as condições para a evolução; que tudo na escola da vida obedece a um planejamento do Pai para que seus filhos possam aprender e que o amor e a fraternidade é o único caminho de chegarmos a felicidade.

Eis na íntegra o tratado de paz:

MINUTA HISTÓRICA E ACORDO DE PAZ
PENAS PRETAS E PENAS BRANCAS

Fomos vinte e um jovens da nobreza plebéia da Região da Iputinga, emancipada dos grilhões aristocráticos e conservadores varzeanos. Nós fazíamos parte do GRANDE IMPÉRIO PENA PRETA, em que todos éramos reis, pela convenção do Supremo Criador. Nossa bandeira tinha a liberdade como lema. O centro do poder estava concentrado na mais nova província da Iputinga, Monsenhor Fabrício. As fronteiras estendiam-se a leste até as cercanias do Zumbi, a oeste limitava-se com Caxangá e o extremo norte da Várzea. O território estendia-se ao norte até o Caldeireiro e o Istmo do Caiara, tendo o rio Capibaribe como fronteira d'água com o Poço da Panela. Ao sul, limitava-se com a recém criada nação do Engenho do Meio.

Mantínhamos relações diplomáticas muito fortes com o Reinado de Camaragibe, aliado inconteste, onde o querido califa Joaquim Gondim nos entregava a chave da cidade, nos dias das memoráveis e deslumbrantes festas do Penarol e nos cobria com sua chancelaria nas investidas de conquistas às províncias de Aldeia, Timbi e possessão de Tiùma, quando fornecia os animais de montaria para facilitar os deslocamentos às localidades. Joaquim Gondim, O Grande, era o governante mais poderoso e amado da região.

No Engenho do Meio, o cônsul Jofre Pereira Lima, conseguiu com sua diplomacia nos introduzir num torneio imperial unicamente para os nobres, onde conquistamos vários troféus na arena do Clube dos Vinte, de padrões muito rígidos para os costumes medievais. Essa abertura nos deu trânsito livre na corte do Engenho do Meio, composta de pessoas oriundas de diversas nações e que tinham chegado recentemente para construir a nova comunidade.

O corpo diplomático estava instalado dentro dos territórios livres do Náutico, América e Sport, que eram os órgãos das Nações Unidas para fomentar a alegria. Fazíamos incursões freqüentes a esses consulados em homenagem ao Rei Momo. Nos feudos reacionários como os das raças do Português, Líbano, Internacional, Cabanga e Iate, possuíamos sempre em cada um deles colunas brindadas de penetras, que se encarregavam de abrir por dentro, as pesadas portas das cidades para que os exércitos PENAS PRETAS chegassem e dominassem. Apenas a República Independente do Arruda sob a bandeira da Santa Cruz não mantinha relações de amizade com o Império da Iputinga. Alguns duelos entre governantes daquela nação com os generais PENAS PRETAS, dificultaram o trabalho da chancelaria, apesar do esforço do Império de Afogados através do embaixador do Atlético, Cristóvão Moreira, para conciliar os interesses.

Éramos felizes e sabíamos. Fomos privilegiados por nascermos todos na região mais fértil da Planície Varzeana, onde vastos pomares eram abertos á meninada para colher frutos, desde que não houvesse desperdícios. Bebemos do melhor leite do Continente, _ o leite da vacaria do velho mancebo Zaqueu Moura. Nossos pais e avós criaram-se juntos, respiraram a brisa perfumada de poesia que soprava do Capibaribe, que deu àqueles que nasceram aqui, aos PENAS PRETAS, uma aura mais jovial e atrevida, uma versão inconfundivelmente pura e romântica de ser feliz, sem preconceitos, sem religião, sem dogmas, sem grilos e com uma lealdade e fraternidade quase transcendentais. Compartilhávamos todos da alegria sem avareza, sem mesquinhez. Negociar com tristeza era um mau negócio porque a alegria era farta e gratuita.

Bebíamos de tudo: desde o bate-bate, o conhaque, a cachaça... Até Whisk, bebida que não era fabricada no Brasil. Tínhamos uma filosofia que os PENAS PRETAS ainda hoje professam: não sair para farra com quem não bebe, para que não testemunhem e levem ao conhecimento de outros o que se passa nos lapsos, que o estado etílico muitas vezes provoca. Essa filosofia era lei rígida no Império. Ninguém era viciado. Nenhum PENA PRETA hoje é dependente de qualquer tipo de droga.

PENAS PRETAS é a versão mais romântica de "os garotos do bairro". _ Os que nascem na comunidade, crescem, têm seus sonhos, seus ideais... As pessoas conhecem todos esses objetivos, participam e acompanham seus primeiros passos na vida e, por isso, somente por isso, por terem se acostumado, familiarizado com suas quimeras, não vêem a beleza que existe em seus corações. Os PENAS PRETAS passaram também por esse processo. Nós fomos rejeitados pela nobreza feminina da corte fabriciana, que conhecia os nossos pequenos defeitos e olvidava as inúmeras grandes virtudes; que nos via como irresponsáveis, rufiões... E que encontrava nos príncipes dos outros reinos, o modelo ideal para dividir a vida. Mas os PENAS PRETAS também foram muito amados na comunidade.

Somos vinte e um reis e podemos enumerar um a um. Impossível seria citar, nome a nome quantas princesas nos adoraram e que viram em nós a outra parte, escondida pelos adereços da imperfeição, que longe de tirar a beleza das almas, exaltaram-na mais ainda pelos contrastes.

Foi bom que existisse esse choque de simpatia, paradoxalmente gostoso, que não impediu em nenhum instante o amor pelos PENAS BRANCAS, a facção contrária, composta das princesas dos reinos invasores, que custaram a nos entender, mas deram muita alegria, esperança e razão de viver a todos nós.

Tinha que ter sido assim. _Ajudaram-nos a criar as defesas juvenis. Emigramos a outros impérios, conquistamos inúmeros corações fora da terra natal e, por fim, compreendemos que na convivência com os demais irmãos do mundo, sem distinção de cor ou padrão social, no intercâmbio, no entrelaçamento dos corações, está a solução dos problemas, que dificultam a auto-reforma e nos impedem de ser felizes coletivamente.

Os súditos das outras nações nos visitavam e namoravam nossas conterrâneas, fazendo a felicidade delas. Nós freqüentávamos seus castelos em suas cidades, dentro da recíproca. Éramos amigos fraternos, convivíamos em paz.

Hoje dia primeiro de janeiro do ano de dois mil e um da era vulgar, primeiro dia do novo milênio, em nome dos vinte e um reis PENAS PRETAS:

ANTONIO PACHECO, CAIÇARA, BRAGUINHA, CHITO, CARLOS ALBACORA, DAMASCENA, DANIEL, DIVALDO MOTA, GEDÊ, GERSON MACEDO, GREGÓRIO, JOÃO LOLÔ, JOÃO MOTA, JOSÉ BARROS, LINDENBERG, MÁRIO SALZANO, NILSON MELO, PAULO GOIS, RUI PISCA, VAVÁ PAPUDA, ZÉ MÁRIO.

proponho o acordo oficial de paz com a rainha dos PENAS BRANCAS Josymar, da Casa de Santiago, que será celebrado com uma serenata no castelo do Imperador Orlando Tejo III, do Reino da Paraíba, na Alameda Fabrício, às nove horas da noite do dia 06 de Janeiro de 2001 do calendário cristão, quando os versos, as rimas, os bordões e as primas, farão coro com as vozes do amor saídas dos corações.

P/IMPÉRIO PENA PRETA

Nilson Ferreira de Mello

Compreendi mais ainda, que tudo por que passamos na vida tem um significado muito mais abrangente do que podemos entender. Há pormenores nesses traçados de vida idealizados pelos mentores da espiritualidade, que por certo obedecem a um cronograma de execução, havendo, por conseguinte o acompanhamento e a cobrança em determinados momentos, como é usual aqui no mundo encarnado quando queremos realizar alguma tarefa mais complexa. Esse ACORDO DE PAZ, essa brincadeira, como não poderia deixar de ser, era sem que eu percebesse uma lição muito importante de vida. Mostrou que de modo geral na infância conhecemos os primeiros parceiros na empreitada da vida. A juventude reforça os laços com outros espíritos encarnados que vão também participar da tarefa. Dá ao mesmo tempo o entrosamento necessário para o

bom desempenho do exercício e, finalmente na idade madura, já com a convivência definida e com a assimilação em grupo das vibrações uns dos outros, o indivíduo pode juntar tudo isto ao seu acervo de memórias adquiridas nas vidas passadas e realizar os objetivos segundo seu livre arbítrio, criando novas parcerias e fazendo jus às vitórias ou aos fracassos.

(*) ASSUSTADOS: Festas dançantes improvisadas, realizadas em residências escolhidas no momento, sem o conhecimento dos donos.

A psicografia de Sara, datada de 26 de outubro de 2000, não somente reforça o preâmbulo do acordo, como mostra que antecipadamente esta página estaria programada para fazer parte do livro. Foi um texto recebido num momento em que o médium, após ter passado por uma crise financeira muito difícil, com seu sistema emocional abalado, readquiriu pelo exercício da concentração espiritual, a tranqüilidade necessária para poder viver dentro da nova realidade, conseguindo finalmente o equilíbrio da situação. Essa escrita casa ponto a ponto com o enfoque principal do Acordo de Paz: **tudo tem uma razão para acontecer:**

" Meu filho _ que Deus esteja contigo. É muito bom, chegar o momento da percepção, da compreensão, do entendimento das coisas que existem ao redor e que vivem em nós e, quando esse momento é o programado, essa satisfação assume um gosto de um prazer que é transcendental e o espírito de posse da verdade pode compreender melhor.

Tudo na Terra, nos mundos, no Universo tem um tempo, um momento, uma programação estabelecida. É por isso que sempre são repetidas nas várias formas essas palavras: **nada acontece por acaso**. O próprio Universo teve um tempo programado pelo Grande Arquiteto para ser criado. E, dentro desse período, foram encetadas prioridades e elas tiveram um momento previamente definido para acontecer. Há nesses eventos, fatores, necessidades de aprendizado, de informação, de exemplos a serem seguidos. Tudo tem um objetivo, um sentido, um fim. Não tenhas dúvidas que o fim dos acontecimentos é de sublime importância para a evolução da humanidade. Nada é inútil, nada é vão, passa, acontece, sem um sentido, uma meta Divina. Não poderia deixar de ser também assim com a vida, com o dia a dia dos filhos de Deus. Segundo o Criador, todos os sofrimentos, alegrias, incertezas, decepções, enganos, utopias... Têm um significado maior. Esses fatores, que parecem isolados, são intrinsecamente ligados a um sentido que só o Pai conhece, pois esse sentido pode variar de espírito para espírito, conforme o planejamento que foi especificado para cada um deles. Cabe, ao indivíduo, primeiro entender esse mecanismo superficialmente e confiar sempre no Pai, que não coloca fardos pesados em ombros frágeis.

[M1] Comentário:

Quantas vezes te dissemos que a situação iria melhorar? Que tal prova estaria chegando ao fim, que vencerias, que tivesses calma, paciência, resignação? Quantas vezes te dissemos: calma, calma, o tempo vai passar, vamos dar tempo ao tempo? Às vezes, essas palavras foram apenas como um consolo que se coloca na boquinha de uma criança. Mas serviram, te deram esperança, aliviaram a angustia e tu esqueceste e venceste a prova. Mas quantas vezes não dissemos nada. Foi a maioria e, venceste com galardão. Aprendeste a esperar, aprendeste a ter paciência, a confiar no nosso Pai de amor e bondade.

É muito bom e estamos felizes de poder sentir que, paradoxalmente, chegou o momento de perceberes e levantar a ponta do véu dessa verdade, que é o comprometimento com os desígnios de Deus, que sabe o tempo certo para tudo, até para discordar. Que na trajetória terrena, procures andar em sintonia com o tempo, em sintonia com a natureza, com os acontecimentos, para alcançar a paz que existe em ti e está dentro dos planejamentos do Criador...

Sara, em nome do Pai".

O encaixe desse escrito no livro levou-me ao desejo de reler as dezenas de comunicações recebidas. Fiz uma seleção por entidade comunicante. Tudo que foi datilografado continha em anexo os originais. Às vezes, uma lauda consumia mais de cinqüenta páginas escritas em letras de psicografia. Outras, duas laudas, consumiam a mesma quantidade e até menos. Não havia, pelo que percebi, uma regra definida quanto ao número de folhas que um espírito usa para expressar as idéias. Ainda assim pude verificar que eles fazem conhecer seus pensamentos e os definem com a maneira particular que têm de ver as coisas, exatamente nas últimas linhas, dando a entender que, pelo poder de síntese que possuem, fazem uma adaptação prévia da mensagem ao tamanho do papel disponível.

No tempo que iniciei a desenvolver este tipo de mediunidade, por desconhecimento, costumava colocar muito papel na mesa, prevenindo para que não faltasse no decorrer da comunicação e isto me provocou grandes esforços físicos para escrever, chegando em algumas ocasiões a sentir câimbras nos punhos, pelo excesso de palavras e velocidade com que eram assinaladas. Com o tempo, fui entendendo e programando melhor a tarefa. Aprendi a ficar menos tenso e a harmonizar os pensamentos à velocidade possível de redação no papel.

Nesse trabalho de seleção das psicografias pelo nome dos comunicantes e em ordem cronológica, descobri outra particularidade: os espíritos têm um código de acesso aos diversos arquivos da mente e, somente a partir dessa ligação efetuada, o cérebro passa a decodificar as emanações de pensamentos, a exemplo do que ocorre conosco ao usarmos os computadores. Só vim a observar esse detalhe após mais de trinta anos da primeira comunicação, o que me obrigou a fazer um apanhado de pesquisa nesse sentido analisando quase cem escritos. No meu caso particular, verifiquei que as entidades: Sara, Tancredo, Amaro e Alândio, que se comunicam com rotineira freqüência quando têm comunicações cujos teores são de interesse geral, usam: **"LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, QUE SUA PAZ SUA LUZ, SEU AMOR, ESTEJAM EM NOSSOS CORAÇÕES AGORA E SEMPRE".** Quando a mensagem é dirigida ao médium: **"LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO. PAZ, LUZ E AMOR EM SEU SANTO NOME"** e quando a psicografia é dirigida a algum irmão em particular: "**QUE A PAZ DE DEUS ESTEJA EM NOSSOS CORAÇÕES AGORA E SEMPRE. PAZ, LUZ E AMOR EM SEU NOME".**

Há outras variações mais raras, como se fossem aberturas de novas janelas de arquivo, sempre que há um assunto novo ou um desdobramento que exija sair do argumento de acesso rotineiro. Em tese, variações de código se processam pela necessidade de ligações fluídicas com o mental das pessoas que fazem parte do contexto psíquico envolvido.

9º RETALHO
(AZUL)

Inúmeras foram às psicografias revistas.Não sabia que tinha escrito tanto; constatação que me levou devagarzinho, escorregando, a uma tristeza muito grande, como se fosse um castigo da alma, espremendo meu coração, até fazê-lo chorar. E o mote do vencido, para que um cantador glosasse e a viola acompanhasse chorando, em seu tilintado de canário estalador, foi logo se completando: "Recebi muito da vida, dei em troca muito pouco".

O tempo já tinha esfolado todas as razões, que nos fazem vibrar quando ainda temos incrustado os resíduos dos enfeites da emoção, que as fantasias pregam nas realidades. Já havia passado sete anos da psicografia de Sara (08.11.93) para os irmãos que se uniram na construção de um núcleo espírita, que teria uma creche para as crianças carentes da região e depois se dividiram em disputas internas: creche ou museu espírita? Todos bem intencionados, no entanto não submeteram as resoluções devidamente ao crivo da razão e do coração. Sara, assim se expressou:

"Vinde a mim vós que sois os bons seguidores, vós que soubestes calar os vossos melindres e as vossas discórdias para que a obra não sofresse; mas, infelizes vós, que houveres retardado a hora da colheita, porque a tempestade chegará e serão levados no turbilhão. Nesta hora clamarão: graça! Graça! E o Senhor lhes dirá: por que pedis graça, se não tiveste piedade de vossos irmãos, se vos recusastes a lhes estender as mãos e se esmagastes o fraco em vez de o socorrer". Espírito de Verdade, Paris, 1862.

Com essas palavras que inspiramos ao meu filho copiar do Evangelho Segundo o Espiritismo e que vocês já devem ter lido por muitas vezes, o Espírito de Verdade, em comunicação no século passado, orientou a tantos irmãos a necessidade de trabalho, compreensão e perdão. Quis mostrar sem ferir, que estão na face da terra porque têm alguma coisa para aprender, a iniciar, a continuar, a terminar... Quis dizer que, se as pessoas reúnem-se sob o mesmo teto, embora que suas maneiras, seus atos, pareçam ser diferentes, ai estão por uma Força Maior que a tudo comanda, no sentido de se lapidarem no encontro e desencontros de idéias, todavia, movidos pelo mesmo pensamento: batalhar, vencer, entender, pagar, completar a finalidade na terra e, ai daqueles que, tendo compreensão, dificultar essa tarefa.

Filhos! Não resvalem pelos caminhos da discórdia, da violação dos direitos de seus irmãos. Não sigam pelos atalhos que não conduzem a nenhum lugar. Todos neste hospital são doentes. Nenhum melhor que o outro, porém muitos em fase de recuperação. Não desperdiçais este amor tão grande, que vos une no ideal de fazer o melhor pela evolução, dos que chegam irmanados, nos grandes conflitos espirituais. A vida junta as pessoas em suas metas, em seus sonhos. Uns procuram completar-se, apenas com os próprios sentimentos. Julgam que os dos outros, nada de bom podem lhes proporcionar. Alguns procuram recolher dos semelhantes, apenas, as conveniências vantajosas aos objetivos e, outros, afinal, mais compreensivos da finalidade maior, fundamentam os desejos num único ponto: o bem; não levando em consideração a disparidade do conteúdo, mas somente a boa vontade de quem o emite e o que há de bom dentro deles.

É chegada a hora de deixar, de lado, as divergências. Não desprezem esse potencial tão grande, que existe em seus corações. Não gastem essa força tão forte, tão linda de seus espíritos. Busquem a si mesmos, se perdoem, se amem! Esta é a finalidade maior. Vencidos e vencedores do passado, unidos agora, não para se punirem, não para se glorificarem, mas unicamente para se perdoarem mutuamente e seguir em frente com a

bondade e altruísmo que existe dentro de cada um. É hora de cada qual meditar muito, nas próprias falhas, nos próprios motivos de discórdia e juntos discernirem com calma, compreensão, piedade, os destinos de seus espíritos, ligados ao trabalho redentor que se faz mister realizar nesse núcleo de amor.

Sara, em nome do Pai".

Ainda no ano de 1993, Amaro brindou o Natal, fazendo metáfora com um jardim acessível a todos que amam, onde, as cores; as formas; os perfumes se exteriorizam na mente como flores estereotipadas da mulher dos sonhos, na alma do poeta: "Há crianças que vislumbram seus encantos. Jovens extasiam-se diante delas, cheios de esperança e paixão. Há velhos que as recordam e sentem saudades dos momentos em que souberam acariciá-las".

Assim ele ditou:

DIA DE NATAL

"Querido amigo, nós já fizemos tantos poemas que os versos das poesias já se tornaram orações. Nós já brindamos o Natal em tantas línguas, em tantas regiões, tantos séculos, que o tempo já lembra com saudade os primeiros dias da infância; já enaltecemos o Natal, já o comemoramos, já o sentimos, já recordamos: Paris, Amsterdã, Coimbra, Lisboa... Numa maneira mais ampla, sempre com o mesmo amor, o mesmo respeito. _Neste instante, aqui neste lugar, mais uma vez, hoje como ontem, aqui como ali, acolá, bem além; agora como dantes, distante ou perto, longe ou próximo de alguém; no dia que estamos, como outrora, ligados ao amor; sempre ao amor, que detona no âmago do nosso coração: a saudade, a alegria, o prazer, o sentimento de luz, felicidade... Mas; principalmente dando ou procurando levar aos que nos lêem, para a posteridade, a certeza de que Deus plantou em algum lugar, acessível a todos nós, na nossa consciência, o jardim mais belo que o homem, o ser vivente possa desfrutar; onde moços e velhos, ricos e pobres de todas as raças, busquem as flores para enfeitar suas vidas. E, é nessa consciência que vocês não somente as encontrarão, mas também alimento e água para perpetuá-las. Deus concedeu, a todos seus filhos, belíssimas alamedas em suas almas; uns, como o bom jardineiro, sabem como colher as flores. Muitos como aprendizes, colhem-nas bem, de vez em quando. Outros ainda sabem admirá-las, mas não lhes prestam os devidos cuidados, quando as põem nos jarros e elas morrem em poucas horas.

Há crianças, que vislumbram seus encantos. Jovens, extasiam-se diante delas, cheios de esperanças e paixão. Há velhos, que as recordam e sentem saudades, dos momentos em que souberam acariciá-las.

Todos colheram-nas alguma vez. Todos já conheceram os seus aromas. O mundo inteiro já se sentiu feliz com suas formas, cores e fragrâncias. Há cheiros agradáveis, que ficam arraigados em nossas mentes por toda a eternidade. Há cores que se fixam em nossos olhos por toda uma existência e séculos. As formas, sempre exaltam os perfumes e se enquadram nos tons coloridos que nos causam felicidade.

Cores, perfumes, formas. A luz das formas, a carícia das cores, a forma dos perfumes. Situações... Atrevimento, recuo, amor.

Amaro em nome do Pai".

Amaro, falava nas coisas do coração; esse coração sentimento, que marca o compasso das emoções. Esse coração do poeta; ritmo, força de seus sonhos. Temperamental, emotivo, insensato, traidor; que quando não casa com a razão fria, calculista, objetiva... Cria problemas, de conseqüências desastrosas, mas, mesmo assim, perdoáveis.

Cristiana estava sendo dominada pelo coração. Uma saudade antecipada dos amigos, da família, da cidade de Recife... Implantou-se na alma, muitos dias antes da partida para um estágio na Inglaterra, na área de jornalismo. O querido Irmão mandou, por meu intermédio a psicografia RECADO PARA CRISTIANE. Tratou-a como Cristiane e não Cristiana, o seu nome. Colocou entre parêntese, **com e** (com "e"), querendo dizer que não se tratava de um simples engano, mas que era por esse símbolo gráfico-vibracional-sonoro que fazia questão de a chamar, parecendo asseverar, que o nome Cristiane, foi muito amado e marcou sua vida em outras encarnações. De uma forma espontânea, fez pequenas citações, que atrelam suas existências a jornadas anteriores, provavelmente em Londres.

Fala como se estivesse relembrando-lhe paisagens que já vira antes. Faz ver, como a afinidade liga os seres. Como o amor perpetua-se e cresce, através do tempo. As palavras, de intenso carinho para Cristiana, denotam, quão elevado é o amor que une essas criaturas, desde as encarnações passadas e migrações sucessivas, pelos planos espirituais. Agora, ela na carne, cumprindo mais uma etapa de aprendizado evolutivo; ele, em espírito, inspirando-a, cuidando com afeto, de todos os seus passos e encorajando-a quando diz: _ não estarás sozinha, pois estaremos contigo também, como sempre estivemos. Dando a entender, essa afirmação, não se tratar do uso do plural de modéstia, mas sim, a afirmação de que diversos amigos da espiritualidade, a estão assistindo.

Recife, 07 de Outubro de 2000.

"RECADO PARA CRISTIANE".
(Com "e")

"Cristiane, quando estiveres sozinha, em pensamentos, lembras que estamos ao teu lado. Quando pisares nas pedras polidas pelo sapato do tempo, por onde outrora saltitavas. Quando os lampiões, já bem mais modernos, iluminarem sem ofuscar, teus olhinhos curiosos e os castelos te chamarem às festas da recordação. Quando as paredes, as janelas, os muros, os jardins e os pássaros, que aqui não tens, saldarem tua presença, lembra que estamos ao teu lado. Quando a alegria maior te alcançar e, a tristeza fizer o contraste, nunca esqueças, de que estamos bem junto a ti. _ Recordarás teu passado, sem saber. Em cada rosto, em cada sorriso, em cada olhar, em cada som, cor, lugar, perfume...Um elo de ligação, com o que nunca passou, com o que nunca esqueceste, com o que sempre esteve presente em ti.

Esse reencontro novamente foi necessário. É necessário, para poderes trazer para esta metade do mundo, o que aprendeste aí... E até o que deixaste por terminar. O que não iniciaste, o que falhaste, o que mal recomeçaste. _Foi necessário que tantas vidas fossem gastas neste aprendizado, que valeu e continua. Agora, voltarás a rever fisicamente, o que se manteve intacto em tuas lembranças, o que jamais deixou de estar contigo. E trarás daí, mais nítidas e fortes: _ tuas fantasias, tua esperança, tua vida. Verás o novo dia de novo. Verás o sol e a lua de modos diferentes, agora. Mas, lembrarás como foram singelos e familiares a ti em outros tempos, quando sonhamos juntos.

Terás saudade... Mas uma saudade gostosa, desta que acaricia e beija nossas lembranças mais lindas. Terás saudade, amiga e quente, que te agasalhará nas poucas noites frias que sentirás. Terás o calor dos amigos e a própria solidão não estará sozinha, pois estaremos contigo também; sempre, como sempre estivemos. E, quando estiveres ameaçada de fraquejar, penses em nós, com muita força e, se não bastar, agarres o livro e leias os conselhos da mãe maior Sara e, se ainda não passar, pegas o lápis, escreves um bilhete, convocas meu filho, irmão e amigo e nós te mandaremos por escrito, um remédio de amor, em letras de coragem.

Que a Paz esteja sempre contigo, com todos e com o meu espírito.

Amaro, em nome do Pai".

10° RETALHO
(VERMELHO)

Há muito tempo, conheci Carlão. Tinha pouco mais de 25 anos. Era bem mais moço do que eu. Irmão de um grande amigo. Foi aquela pessoa que entrou no meu coração e se acomodou, como se fosse o dono. Casou-se cedo com uma moça muito bonita, cheia de alegria e graça, que com sua espontaneidade me conquistou. Ambos se conheceram na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Formaram-se juntos. Ele como patologista, ela como pediatra. Após o casamento, foram residir numa cidade do Sertão do Estado. Nunca mais tinha visto Carlão. Sabia que estava progredindo economicamente. Era dono de dois laboratórios de análises clínicas: um na própria cidade onde residia e outro, na cidade vizinha, distante uns trinta quilômetros. O da cidade onde morava, era dos mais modernos e bem equipados de Pernambuco. Carlão estava Rico. Era famoso e respeitado; a vida lhe sorria.

Vieram os planos monetários do governo: _ Cruzado, Cruzado Dois, Bresser, Verão, Collor... E a situação econômica e financeira de Carlão foi por terra. Os falsos amigos o abandonaram, a mulher o desacreditou perante os que lhe admiravam, exaltando os seus defeitos e escondendo as virtudes; taxando-o de incompetente, imbecil e até idiota. Sua vida conjugal desmoronou, os filhos o abandonaram. Vítima dos agiotas deixou-se levar na correnteza dos desacertos, em busca das soluções. Perdeu quase tudo; até a própria casa foi empenhada por pouco mais ou nada. Passou a ser visto na cidade falando sozinho, em flagrante desalinho emocional.

Um dia nos procurou em Recife, completamente aniquilado. Era uma sombra muito triste do que fora antes. Era um retrato em preto e branco, desbotado, da altivez de outrora.

O espírito José Luiz de França tomou a si, em nome de Deus, a tarefa de reerguê-lo, orientando-o através da mediunidade de minha mulher Carmem Lúcia. Foram muitos meses de conselhos, de incentivo, de injeção de coragem e de confiança em si mesmo... De ensinamentos para a paciência, humildade, perdão, fé em Deus... E todos os obstáculos foram desaparecendo e Carlão venceu; reabilitou-se na vida. E aquele homem fracassado, passou a ser um exemplo de fé, altivez, perseverança e sucesso para todos.

Estava em processo de divórcio com a esposa e já pensava em construir nova família, com uma prima, viúva, da qual ele foi o primeiro namorado na infância. Vivia muito feliz, cheio de planos e esperanças para o futuro, quando, dirigindo o carro, chocou-se na estrada com outro veículo, tendo morte instantânea. Desencarnou com quarenta e sete anos.

Tancredo de Millys, espírito ligado a planejamentos de reencarnação, assim se expressou, poucos dias após o acidente:

movida por alguém insensível, que se julgava incomodado pelas canções sentimentais do menestrel, nas frias madrugadas serranas.

No requerimento, o advogado fez a defesa do seu constituinte em versos decassílabos, mostrando áreas de sentimentos, de conflitos, de harmonia... Só percebíveis, pela alma de um poeta e, o Exmo Juiz, Dr. Artur Moura, hoje Desembargador da Paraíba, também nobre poeta, sintetizou o seu despacho numa quadrinha, em sintonia com o raio do defensor.

Um simples caso policial, que por certo passaria desapercebido à maioria dos mortais, fez brotar no coração daqueles dois homens, sentimentos tão profundos de justiça e amor, fundindo-se numa peça de pura beleza da literatura forense do Brasil.

HABEAS PINHO
PETIÇÃO PARA LIBERAR
UM VIOLÃO

RONALDO CUNHA LIMA

EXMO. SR.DR. JUIZ DE DIREITO
DA 2ª VARA DA CIDADE

O instrumento do crime que se arrola,
Neste processo de contravenção,
Não é faca, revólver nem pistola,
É simplesmente, doutor, um violão.

Um violão, doutor, que na verdade,
Não matou nem feriu um cidadão.
Feriu, sim, a sensibilidade
De quem o ouviu vibrar na solidão.

O violão é sempre uma ternura,
Instrumento de amor e de saudade.
O crime a ele nunca se mistura,
Inexiste entre ambos afinidade.

O violão é próprio dos cantores,
Dos menestréis de alma enternecida
Que cantam as mágoas que povoam a vida
E sufocam as suas próprias dores.

O violão é música e é canção,
É sentimento, vida e alegria,
É pureza, é néctar que extasia,
É adorno espiritual do coração.

Seu viver como o nosso é transitório.
Mas seu destino, não, se perpetua.
Ele nasceu para cantar na rua
E não p'ra ser arquivo de cartório.

Mande soltá-lo pelo amor da noite
Que se sente vazia em suas horas,
P'ra que volte a sentir o terno açoite
De suas cordas leves e sonoras

Libere o violão, Dr. Juiz,
Em nome da Justiça e do Direito
É crime, porventura, o infeliz,
Cantar as mágoas que lhe enchem o peito?

Será crime e, afinal, será pecado.

Será delito de tão vis horrores,
Perambular na rua um desgraçado,
Derramando na praça as suas dores?

È o apelo que aqui lhe dirigimos,
Na certeza do seu acolhimento.
Juntada desta aos autos nós pedimos
E pedimos também DEFERIMENTO.

Ass. RONALDO CUNHA LIMA
. Advogado

DESPACHO DO JUIZ, Dr. ARTUR MOURA.

Para que eu não carregue
Remorso no coração,
Determino que se entregue
Ao seu dono o violão.

O teor do documento jurídico inusitado levou-me a analisar as exteriorizações dos muitos amigos poetas que tenho, com os quais tento aprender a ser feliz.

Encaixado na mesma conceituação de Sara, deparei-me com o I:. Orlando Tejo, poeta paraibano, autor do best-seller, **Zé Limeira o Poeta do Absurdo**, em duas situações diferentes, porém em ambas mostrando a sua maneira surrealista de ver as coisas.

No Natal de l956, na praia de Tambaú, João Pessoa, PB, caminhando pela areia, ébrio, também de vida, conversando com o mar, dando conselhos ao ser que tantas vezes o amparou em suas crises emocionais e que, naqueles instantes parecia-lhe sofrendo, envolvido nas vibrações sentimentais de fim de ano.

O poeta, como que se despojando do invólucro carnal, assumiu a condição de um ser imortal, cósmico...Irmanado e cúmplice a tudo que nos envolve e, nesse estado de igualdade, que faculta aos amigos, expressarem seus mais íntimos sentimentos e viver a dor do irmão, assim falou em seu soneto, **CONSELHO AO MAR:**

Não chora, verde mar, não chora tanto
Nestas horas dolentes e pressagias,
Dissimula nas dobras desse manto
De cambraia, as saudades de outras plagas.

Um gigante não chora o desencanto!
E essas praias insípidas que afagas
Jamais compreenderão a dor e o pranto
Que vives a chorar nas tuas vagas.

Não chora mais, que teu gemer profundo
Comove e agita o coração do mundo
Na paisagem deserta destas horas.

Acalma, verde mar, as tuas águas,
Porque também eu sofro imensas mágoas
E não vivo a chorar, como tu choras.

Em 1965, após uma longa ausência de Recife, Tejo tinha vindo ao Diário de Pernambuco resolver pendências profissionais e ao sair, às cinco horas da tarde, rumou mecanicamente para o Bar Savoy, na Avenida Guararapes, na ânsia de reencontrar velhos amigos de copo e de alma e matar a sede de amizade e boemia que despertava.

Lá chegando, deparou-se com a figura querida do grande poeta nordestino Ascenso Ferreira, sentado numa cadeira, afastada um pouco da mesa, onde havia em cima dois copos vazios e uma garrafa de

cerveja quase cheia. Ascenso estava sentado com as pernas abertas, a nuca apoiada no encosto da cadeira, como se o corpo estivesse escorregando. Estava muito mais magro, que da última vez que se tinham visto. Antes pesava 165 Kg, e naquele momento, mais ou menos 90. O câncer vinha vencendo a batalha contra a vida. Seu semblante, era de tristeza, apreensão, desilusão... Tinha os dois cotovelos colados ao tronco e os braços erguidos até a altura da fronte. Em cada mão uma duplicata comercial, como quem segurava um leque; mas as mãos não se moviam, aparentando delinear o contorno do rosto a ser fotografado.

O olhar absorto despertou com a entrada de Orlando Tejo e, um grito de alegria, saiu daqueles lábios, como se ali tivesse chegado um enviado de Deus: _ Tejinho !!! Indagado o motivo de seu desalinho, explicou em rápidas palavras a sua impossibilidade total de saldar os compromissos financeiros e deixou a cargo do Amigo, definir em poesia, aquela situação, como já pedira a outros quatro que ali estiveram.

O poeta, num pedaço de papel que o garçom lhe conseguiu, assim se expressou:

A fila estava enorme e o sol cantava
Nos meus ouvidos a canção do fogo.
Uns estudantes discutiam jogo,
Pelé naquele dia não jogava.

Uma dor de cabeça perturbava
O meu temperamento demagogo.
Era preciso que eu partisse logo
E o coletivo da hora não chegava.

A fome era um convite ao desespero
E a sede que eu sentia era o tempero
De toda aquela negra situação.

E para completar o meu degredo
Havia um calo seco em cada dedo
E um título vencido em cada mão.

Os dois poetas se abraçaram. Foi a última vez que se encontraram na carne.

Também na composição musical popular, ouvindo uma gravação, registrei lindas declarações de amor e desabafos do coração, harmonizados pelos acordes dedilhados na sanfona, no compasso do zabumba, no ritmo do coração que chorava. Milhares de jovens gritavam seus sentimentos, acompanhando em coro, a emoção do cantador. Eu estava escutando um CD de **Flávio José,** gravado ao vivo, com músicas de vários compositores nordestinos. Aquela festa perpetuada em disco só falava em amor, em alegria, em felicidade. Todos que ali estavam sentiam-se felizes. A musicalidade amarrou em sintonia essa expressão de percepção que se chama canção e que traz coisas profundas do espírito que precisam ser repensadas, deixando-se de lado essa mania de falar da alma, de uma forma dogmática e piegas, porque afinal é principalmente no dia a dia, na atmosfera sentimental, que se encontram os sinais a serem usados na decodificação de tudo que contribui para a evolução espiritual.

Ao analisar o CD, foi como se tivesse penetrado, bem dentro, do pequeno disco magnetizado e me incorporado ao indescritível mundo virtual da fantasia. Senti a mesma felicidade dos que estavam nele, gravados. **"O Caboclo Sonhador"** iniciou o show cantando de **Itanildo Show** a letra que dizia: _ **Minha filosofia é cantar filosofia./ A gente que canta sem parar, a mente esfria/ A música pacifica o mundo...** E veio aquela em que o poeta **Acioly Neto** dizia para a mulher que chegou em sua vida, para ficar: **Você chegou bem devagarzinho no meu olhar/Parecendo um bicho mansinho querendo se aconchegar/ O meu anjo da guarda de bobeira/ Abriu a porta pra você entrar/ E agora já não tem mais jeito/ Haja amor e haja peito pra você morar**. Ouvimos esta do poeta **Juarez Santiago** vivendo uma pessoa triste, carente, após uma separação e que encontrou um outro alguém que com paciência, soube esperar a oportunidade e lhe conquistou o coração, fazendo-o esquecer o amor perdido:... **Encontrou a porta aberta sem ferrolho e sem tramela/ E no meu peito uma cicatriz com o nome dela/ Ai você apostou tudo e me ganhou...** E ainda a de **Nanado Alves**, implorando perdão ao seu amor, por ter brigado como um tolo e pedindo ao passarinho Beija Flor para levar-lhe um recado de carinho e de saudade:...**Me comportei- como criança/ que num brinquedo tropeçou/ Leva no bico uma canção/ que tem a mesma cor/ e o cheiro dela...** Também o poeta **Petrúcio Amorim**, canta sua ira, imagina uma situação comum a muitas pessoas que se vêem abandonadas e faz um desabafo em forma de canção.

Transforma o rancor, em versos de beleza e força de vida. A letra dessa canção mostra o grito de uma pessoa que foi desprezada e que pretende mostrar que é muito superior a tudo, para se importar com o fato. É uma mensagem rude, ainda assim, muito linda de amor próprio, dentro de uma linguagem poética cheia de imagens da retórica nordestina:...**Eu não preciso de você/ O mundo é grande/ e o destino me espera/ Não é você que vai me dar/ na primavera, as flores lindas/ que eu sonhei no meu verão/...**E mais adiante: **Cartas na mesa/ Bom jogador conhece o jogo/ pela regra/ Não sabe tu que já tirei/ leite de pedra/Só pra te ver sorrir/ Pra mim não chorar/ Você foi longe me machucando,/ provocou a minha ira,/Só que eu nasci / entre o Velame e a Macambira/Quem é você pra derramar meu munguzá?**

Entendemos que os problemas do coração não somente atingem os poetas. Dizemos mesmo, que eles, apenas sabem melhor conviver com essas situações, que em vez de matá-los, transformam-se em motivos de vida e de recordações que fazem viver. Há quem diga, que o poeta precisa sofrer para ser feliz. Mas, o que dizer de um homem, não ligado ao mundo da poesia, nem das artes, nem da boêmia? Empresário, advogado, dono de grande propriedade rural, plantador de cana, criador de gado. Homem inteligente e dinâmico, que construiu um patrimônio invejável para a família, com muito trabalho, dedicação e sacrifícios incalculáveis ao homem comum. Casado há trinta anos. Filhos já adultos. Economicamente bem. – No campo a maior aspiração, a concretização de todos os sonhos materiais. _ Para a esposa ciumenta, o campo, a maior aversão. Nesse confronto de gostos tão inversos, como não poderia deixar de haver, fixou-se o ingrediente do desejo de posse. E como todo ciumento, se não tem motivos, cria um pretexto; as viagens semanais à fazenda no interior do Estado, justamente tomando os poucos momentos que teriam para ficar mais tempo juntos na cidade, constituíram-se o pivô da crise e da separação inevitáveis.

Eis a comunicação de Sara em 29.01.1998:

"...Acompanhamos os últimos desdobramentos do caso de nossos queridos filhos Amadeu e Maria. Sabemos que tudo tem um momento, tem um instante e uma lição, com um significado não somente perante os que estão envolvidos, como para os que acompanham o desfecho; pois no epílogo, quase sempre está o início do aprendizado. Aquela situação aflitiva já estava programada. A prova já estava terminada, executada, exaurida. _E, como tudo é série e continuidade, vem a seqüência do outro estágio, agora mais complexo, porque por mais que se queira, ninguém pode extirpar do coração, sem dor, sem ferida, uma convivência de tantos anos. Mas é a prova.

Nessa experiência há fatores importantes a serem observados; fatores que vão desde a simples separação, até a luta por esquecer. Mas em tudo isto, por tudo isto, o amor do Pai está aí para aumentar, para compensar, a cada um dos envolvidos com a auréola de seus sonhos coloridos. Cabe a eles tentar realizá-los. Estão livres e livres poderão pensar sem as amarras que a sociedade lhes impõem. Foi uma batalha muito dura para ambos. Foi vencida pelos dois: cumpriram a etapa que lhes foi designada aqui na espiritualidade. Não há porque temerem, porque se condenarem. Não há! Tudo saiu dentro do que combinaram. – Sem amor, mas sem ódio, sem ambição, deslealdade, cobiça por isto ou por aquilo. Necessário se fazia separar, para que pudessem ambos recomeçar com garra a reconstruir suas vidas.

Meu filho, não deixa de acompanhá-los. _ Fazem parte de nossa família. Somos todos ligados por grandes laços de afeição e de amor, que já vêm se acumulando através dos séculos. Não deixa de assistir principalmente a teu amigo, que tem em ti um farol para sua vida conturbada, em algumas estradas por onde tem forçosamente que passar. Não deixa de ampará-lo agora, mais do que nunca. Não olvidas que laços de família vos envolvem. Deus em sua infinita bondade haverá de permitir que possamos nesses impactos iniciais, dar mais apoio e até ajudá-lo em opções materiais para amenizar o sofrimento d'alma.

Nos próximos dias a mente de Amadeu se clareará. Ele verá onde errou, onde não viu, onde deixou de observar, parou, deveria parar...Aonde deveria ter ido. Tudo brilhará como a quem se tira a venda dos olhos para que possa novamente enxergar e se orientar pelos caminhos de escuridão que restará enfrentar. Digas que ore sempre e muito, que nunca se esqueça de Deus, que nunca se esqueça de nós. _ **Pede e se lhe dará, bate e se lhe abrirá**. È a lei...

Sara em nome do Pai."

A mensagem acima mostra em certo trecho o pedido de Sara para que estejamos acompanhando a ambos, fazendo ver que pertencemos à mesma família espiritual e que estamos ligados por fortes laços do passado

Esta outra psicografia datada de 25.11.1999 também é sobre separação. Todavia enquanto a primeira é para um casal unido ha trinta anos, com os filhos bem encaminhados na vida, esta é para um jovem de apenas vinte e quatro anos, casado há três e com um filho de pouco mais de dois anos:

"...Luiz é para ti estas palavras, como não poderia deixar de ser, por te amarmos e te querermos muito. Enfrentas agora instantes pesados. Mas tudo passará como sempre. O importante é que foi cumprida uma etapa bonita de tua vida; uma etapa de sonhos em que as realidades se fizeram apenas para colorir os

pensamentos. É hora de despertar. É hora de realizar teu grande empreendimento de vida; de realizá-lo como se estivesses sonhando, em lugar de sonhar como se estivesses realizando.

Lembra-te, o amor não é egoísta, não é mesquinho, nada exige, tudo dá. O amor é sempre assim: dói às vezes, mas traz alegria nas recordações. O amor agora em ti está livre de compromissos convencionais. Usa-o, sejam quais forem os obstáculos que tiveres. Verás que valeu a pena. Foi bom que assim fosse, na hora certa, para que ficassem em teu coração apenas as lembranças boas. Outras realidades boas virão. Escuta teu coração e procura visualizar com a razão. Coração e razão, razão e coração, eis a fórmula. Que tu busques agora dar um novo rumo à vida, com os pés no chão. Lembra que tens um filho que te adora, fruto dessa paixão. Fruto dessa paixão que, em alguns lampejos, foi amor... Proteja-o, nunca o desprezes por nada. Dês a ele educação, conselhos, exemplos, acima de tudo. Levanta a cabeça e olha pra frente e para o alto, que a vida ainda te reserva muitas e incontáveis alegrias.

Serás feliz, serás feliz!

Sara, em nome do Pai ".

Ainda sobre o coração, em 28.08.1999, Sara manda um recado para um jovem de vinte anos, que, apaixonado, pensava amar profundamente uma moça da mesma idade com quem pretendia se casar. Estavam noivos, se desentenderam por questões banais e houve o rompimento do compromisso. O trauma foi muito grande para ambos, principalmente para ele, abalando-o emocionalmente.

Eis o que disse Sara na psicografia:

"...É de Everaldo que vou falar hoje, mas o assunto se estende a vocês por passarem às vezes pelas mesmas provas, por idênticos chamamentos.

As vidas são construídas de fantasias, lutas e objetivas. Os objetivos concretos têm origem nos sonhos. Os dos sonhos nem sempre são originários dos concretos. É esta diferenciação que resulta em frustrações, em decepções, em angustias quase sempre; por não poder o indivíduo, vislumbrar onde começa um e termina o outro. Essa desarmonia provoca as angustias; a pessoa se desmantela no equilíbrio emocional e, se não amparada pelos amigos que lhe dêem força e compreendam seus medos, poderá vir a sucumbir, prejudicando todo um planejamento de futuro que lhe foi oferecido, submetendo-se claro, ao livre arbítrio. Todavia, se por um lado essas situações maltratam, comovem, afetam a harmonia de paz e de tranqüilidade, por outro, despertam nas pessoas envolvidas nas conseqüências, nas pessoas afins, a consciência de que precisam olhar mais para a vida espiritual, parte da vida sensitiva. _Principal elo de ligação com o Criador. Essência da Essência.

O meu filho Everaldo está passando esta prova. Sua imaginação criou, cenários, quadros, atores, estórias. Esmerou-se nas projeções mentais com tanta propriedade, que aos poucos ele foi esquecendo que tudo aquilo era quimera, ilusão...Que havia uma parte ínfima que se poderia realizar. _A outra, bem maior, se dissiparia com o tempo e criaria outras metáforas de vida, mais lindas, mais firmes, bem mais próximas da realidade.

Os castelos que construímos na areia dão-nos uma pseudofelicidade. Nos sentimos autores, construtores, administradores e amantes da obra ao mesmo tempo; se desmanchados por nós mesmos, conscientemente, num momento de calma, de reflexão, em que estamos inteirados do seu valor, do que representa, do que representou...A mente simplesmente concorda com nossos atos e age como se nenhuma ação tivesse sido executada. Como se tivesse cumprido o dever e, a busca maior de outras aspirações, de outros sentidos de vida, completa o vácuo deixado pelo desmoronamento e quase sempre surgem novos caminhos, nos mapas que as espumas do mar pintaram para nós. No caso desse castelo, ser desmanchado por uma criança alheia a obra, por uma bola chutada por alguém, um gesto mal executado do artista...Há a frustração de não se ter podido ir mais longe.

Não fiquem vocês que derrubaram seus castelos sofrendo, _a areia permitirá que outros sejam construídos. O importante na vida, meus filhos, é lutar, viver e ser correto para com o semelhante e para consigo mesmo.

Vocês jovens materialmente, que terão de conviver na Terra com os devaneios e as realidades, procurem sempre ver nas realidades seus sonhos e nos sonhos suas realidades, pois são partes integrantes da vida. É a rota, é a roda, é o tarô. Cabe ao homem fazer parar no momento certo. Cabe ao homem aprender com o giro e com o seu momento de repouso.Muitas situações como essa, terão que passar até que aprendam finalmente a conviver com elas. Fazem parte do aprendizado. Vencerão a todas as incertezas, pois nós estaremos ao lado, autorizados pelo Pai.

Sara, em nome de Deus."

Aqueles irmãos que tiveram os corações despedaçados viveram e sentiram a dor. Os poetas extravasaram no verso e na canção e transformaram-na em beleza e alegria. O empresário, já homem maduro, procurou superá-la com novos planos na área de trabalho, desviando seus pensamentos. O moço noivo, aos primeiros chamados de novas fantasias da mocidade, deixou-se anestesiar, para esquecer. O jovem casado transferiu a desilusão para um esforço de trabalho, onde a felicidade do filho aparece como meta principal a

alcançar. Cada qual teve um jeito de sofrer e de superar o fato. Por certo, irmanaram-se a tantos outros que enfrentam no vestibular da evolução, na Escola da Vida, as provas do sentimento, onde a tristeza e o desamor são matérias seletivas aos demais cursos.

Que número de pessoas, como os três, não teria andado pelas praias, tentando conversar com o Professor Mar, para lhe confessar seus medos, temores, frustrações... E ouvir os conselhos no murmúrio de sua voz, sábia e rouca? A quantos o mar não disse nada; calou-se, para não feri-los mais ainda? Para muitos, escreveu arrastando na areia o dedo enfeitado de pérolas de espumas, mandando que olhassem para o chão. Os que decifraram a sua letra, tiveram a visão estarrecida ao ver à marca dos pés que pisaram a frauda do mar. Tantos passos sobre passos, tantos pés marcados sobre outros pés. Quantas felicidades caminharam juntas, quantos desalinhos... Quantos sonhos não se colocaram, se ajustaram sobre outros sonhos? Uns firmes, outros vacilantes. Uns ansiosos, outros calmos. Uns alegres, outros esperançosos dessa felicidade, viram os desenhos se sucederem nas impressões feitas pelas águas, numa tela de esplendor sobre a areia. _ Pés que se cruzaram, seria o título, que, por certo, algum poeta daria. Mas, para aqueles que buscaram falar com o mar, é a confirmação de que, pelos pés, chegamos à felicidade e por eles nos distanciamos dela. É buscando que a encontraremos.

11º RETALHO
(TURQUESA)

Um dos assuntos que mais prende o interesse das pessoas, que já se conscientizaram da necessidade de penetrar, mesmo superficialmente, no conhecimento do espírito, é o mecanismo que rege a comunicação extra-sensorial. Esse interesse gera a curiosidade sobre o tema que até bem pouco tempo a humanidade, por mais que se esforçasse em dissecar ou compreender, esbarrava nas dificuldades da falta de analogia ou de sistemas mais próximos da compreensão humana, em escala de massa. O médico alemão, Franz Anton Mesmer, em 1779, ao descobrir o Magnetismo Curativo, a que dava o nome de Magnetismo Animal, foi ridicularizado na Europa pelos homens de ciência da época, culminando com a sua expulsão de Viena e de Paris, obrigando-o a ir clinicar numa pequena cidade da Suíça, onde tratava os doentes com liberações fluídicas dessa energia. Mas, como defender, naquele tempo, uma teoria que não poderia ser comprovada pela visão, pelo tato, pela audição... Afinal, pelos sentidos conhecidos que o homem dispõe?

Hoje, podemos melhor entender o que não vemos, não escutamos...Há aparelhos que registram as freqüências que não captamos. Há instrumentos que medem distâncias infinitesimais, aferem velocidades, pesos, forças...Que não poderiam ser comprovadas sem esse auxilio. Há aparelhos que registram presenças microscópicas, ampliam, fotografam, analisam...

Enfim, existe uma infinidade de avanços tecnológicos que auxiliam a ciência e que permite ao homem transformar o sonho em realidade, seja em qual for à área, indo da conquista do Cosmo ao código da vida no DNA; e o grande obstáculo deixa de ser a improbabilidade e passa a enquadrar-se no caráter meramente econômico para financiamento dos projetos. Não existe mais o impossível para o homem, essência de Deus e começa a vigorar aquela frase fantasiosa: "o possível está feito, o impossível far-se-á...".

Na história recente, o médium pernambucano José Macedo (1927/1996) ocupou as páginas de todas as revistas científicas do mundo. Foram divulgados estudos sobre Telergia, no caso particular, energia liberada pelas suas mãos e que na época de Mesmer, seria impossível comprovar cientificamente. O Centro de Pesquisas de Washington chegou a construir um voltímetro de alta impedância, especificamente projetado para medir a irradiação dessa energia, liberada pelas mãos do Irmão Macedo. Cientistas da Franca, Inglaterra, Rússia, Estados Unidos... Participaram das experiências, comprovando os testes e os resultados positivos, que foram tabulados e se encontram nos arquivos do Washington Research Center.

O grau de evolução do ser humano, embora não pareça, aumentou muito, inclusive no aspecto moral. Hoje, vemos a maioria das pessoas repudiando as guerras, as barbáries, a tortura, a escravidão, o crime. Poucos, infiltrados dentro da massa, geralmente por interesses políticos e econômicos, fazem parecer ao mundo, que todos vibram no mesmo pensamento da degradação.

No passado, tínhamos arenas lotadas para assistir confrontos de morte entre gladiadores. Cenas com pessoas sendo atiradas aos leões. Praças lotadas, até com venda dos melhores lugares, para se presenciar de perto o suplício, o enforcamento, a decapitação de alguém... Festas com assistência de crianças, banda de música e tudo mais, pela queima de um "herege" na fogueira._ E os espetáculos existiam, porque eram do gosto do povo e, paradoxalmente, muitos tinham o incentivo, aprovação e execução dos que se diziam "representantes de Deus na Terra"; aqueles que julgavam ter os maiores conhecimentos das relações espirituais e que pregavam a caridade ensinada pelo Mestre Jesus. Hoje é bem diferente, foram substituídos pelas competições esportivas, pelos festivais de música...

As raríssimas rinhas de galo, brigas de cães, farras do boi... Que ainda existem; são repudiadas pelo peso da sociedade, contando com pouquíssimos adeptos, ligados a interesses financeiros. A guerra deixou

de ser uma opção do povo, como forma de extravasar seu instinto e, se encaixa no interesse de forças econômicas controladas pela minoria, alheias ao sentimento coletivo. O mundo está mudando para melhor, obedecendo à lei do progresso, da evolução. É bom que comecemos a entendê-lo assim. E as mudanças atingem todos os setores. A comunicação com o mundo espiritual, como não poderia deixar de ser, também vem se modificando, em harmonia com o progresso. Já é possível fotografar espíritos com máquinas especiais e filmes ultra-sensíveis. Convivemos com a realidade da Transcomunicação, em que aparelhagem eletrônica, em circuito fechado, capta em sessões mediúnicas, imagens e sons em comunicações espirituais. Já podemos eliminar na psicografia, o papel e o lápis e escrevermos diretamente na tela do computador, desde que sejamos exímios digitadores, ou que a mediunidade psicográfica seja mecânica. A psicofonia, comunicação dos espíritos pela voz do médium, também pode ser gravada em material magnético e depois transcrita no papel. Na época de Allan Kardec, os médiuns não dispunham desses recursos.

Sobre as energias que o espírito livre da matéria convive e que nós sentimos os efeitos, mas não podemos ver, pois nossos sentidos não registram, Sara, em 30.11.2000, por encontrar condições para compreendermos o que quis dizer, assim se expressou em trechos de sua comunicação:

"Agora estamos vislumbrando a tua resolução. Percebemos o encaixe das vibrações nos pontos disponíveis e sabemos que a junção está firme em todos os raios. Não é sempre que esta forma de sincronização se dá. Termos presenciados essa fusão, nos é muito gratificante. Sabemos que já tens, a teu modo de compreender, noções de como a sintonia se processa no inconsciente; é mais ou menos da maneira como concebes no que chamas "olho mágico". As faixas de energia passam umas por sobre as outras, vão emitindo caracteres idênticos... E de repente se atraem e se tornam forças afins. Isto, quando visto, pelos olhos do espírito, se caracteriza por outros fatores que o ser encarnado não tem percepção perfeita e completa, porque não conhece parte desses componentes que são de energias não captáveis pelos sentidos humanos, mas percebem os resultados, a conclusão. Percebem, pois que as vibrações, num e noutro caso, originam sensações diferentes de amor e paz ou de inquietação e impaciência.

O espírito desarmonizado com o mundo ao seu redor, torna-se um estranho no seu Universo. Não há como viver em paz e nem tampouco transmitir confiança, segurança, respeito, carinho, simpatia, amor... Aos que lhe rodeiam. Seus contatos com as pessoas são dolorosos. Influem negativamente no ambiente de trabalho, familiar e coletivo. Não há condição de fraternidade. Convive alternadamente com o amor e o ódio, quase sempre com predominância do último.

Sara, em nome do Pai".

E complementa poucos dias após:

"A vida em espírito tem outros matizes que vocês conhecem apenas quando em vigília: são forças, luzes, cores, perfumes... Outras percepções que não existem parâmetros de comparação no mundo encarnado. São percepções de energias, que vão além dos sentidos terrestres do homem, do ser encarnado. Porém é bom se dizer que o espírito encarnado, embora não perceba em toda intensidade essas variações, sente os efeitos, pois fazem parte de um sistema de equilíbrio Universal. – É a alegria que vocês não podem ver, é o bem estar, a felicidade, que vocês não podem ver. É a esperança, é tudo isto que não vêem, mas podem sentir, quando estão em sintonia com as forças, com as energias espirituais.

A vida é linda meu filho. Quantos poetas já disseram? A vida é bela! _A alma do poeta, sempre mais sensível percebe toda a beleza e materializa nos versos, nas rimas, em suas estrofes. É essa beleza que só o poeta percebe. É essa esperança, essa razão de viver que o poeta enxerga e que um dia outros também perceberão, pois todos terão as almas sensíveis aos eflúvios do Criador.

Sara em nome do Pai".

Já na psicografia que segue, Sara nos dava uma explicação sobre uma forma de diálogo que tive na espiritualidade, em estudos realizados juntamente com outros espíritos. A faixa de gravação mental em que se processaram as aulas não foi apagada, acredito que intencionalmente, para me servir de lição e quando acordei mantiveram-se intactas todas as lembranças e me impressionei com a velocidade de encadeamento e de assimilação de conhecimentos que meu espírito possui, quando fora da matéria. Procurei para desabafar, o amigo e irmão Orlando Tejo e entre outras coisas, critiquei o cérebro, taxando-o de "computador de baixíssima categoria", que me obriga a compilações lentas de raciocínio, que maltratam.

" Querido filho, que bom que estejas aqui escrevendo, compreendendo a hora, sintonizado conosco. Que bom. É importante saber que temos algo para conversar, algo que queres entender, alguma coisa que podemos

explicar. Como é gratificante saber que os estágios vão se definindo a cada marcação de tempo e novas interrogações surgem e novas respostas são exigidas e todas elas são dadas. Nos sentimos felizes, em conversar, dialogar, dissipar dúvidas e até mesmo criá-las para depois explicar e definir.

Ontem estavas eufórico explicando ao Orlando, o que vislumbraste num momento em que teu espírito ficou um pouco livre e pudeste gozar da liberdade de pensar e ir mais além participando dos nossos meios e modos de conversação, em que os diálogos realizam-se em intensidade de idéias, sem preocupação de fundir a concepção a uma necessidade formal, a um modo, a uma percepção, ou a um momento...Que sabemos, embora normal para vocês encarnados, frustra, conturba, amedronta principalmente espíritos como o teu, que sentem a necessidade de ir mais adiante no desconhecido e é este desconhecido que estamos tentando te fazer ciente. _ Aí já não será desconhecido.

É este procedimento interativo de pensamentos que queremos te explicar, pois reclamavas que teu "computador" era pequeno demais e, quem sabe, defeituoso para reproduzir o que viste, sentiste, viveste com tanta intensidade de detalhes; detalhes estes que não caberiam no teu linguajar, na tua fonética.

Pois bem: os espíritos quando livres do corpo, eliminam um elemento de compilação, de tratamento, de dissecação de uma idéia, que é o cérebro encarnado; estes espíritos passam a se comunicar com os outros, mente a mente. Portanto fundem suas mentes nas mentes dos com os quais se comunicam. Não há intermediários; logo todo o acervo intelectual, vibratório, histórico, passa a ter domínio comum e cada qual usa as imagens, sons, sentimentos, como se fossem seus, com a mesma intensidade e velocidade, como vocês usam seus acervos de memória nos "mergulhos" que se faz ao passado, ou se projetam no futuro. – Com a mesma velocidade com que podem viajar em pensamento às mais distantes regiões do Universo, com a mesma rapidez que podem sair de um ângulo de raciocínio para outro completamente diferente.

O arquivo da mente dispensa o cérebro, age a disposição da mente espiritual. Liga-se a outro, ou outros intelectos sem limite, sem definição de tempo e de possibilidade ou de disponibilidade, porque o arquivo é de uso coletivo dos espíritos bem intencionados, que o procurem.

No momento em que o ente espiritual, embora ligado ao fardo da matéria, busca essa comunhão de entendimentos, todo esse manancial está a sua disposição._As informações passadas, normalmente, vêm vestidas de uma beleza de enfoques, que não se pode perceber na matéria, pela exigüidade de tempo e de espaço para desdobramentos, tendo, portanto o seu subconsciente agido como um sensor, que reduziu as mensagens ao essencialmente importante; enquanto que, em espírito, esse fator tempo e espaço não existe e as mensagens, os enfoques, as idéias, os sons, as luzes... Apresentam-se com a beleza maior, o teor máximo que um determinado espírito pode vislumbrar.

Estás entrando vez em quando nesses "mergulhos". Estás vez por outra, sendo treinado a participar desses encontros, desses diálogos, dessas situações, que por serem ainda excepcionais ao teu estágio, não poderiam deixar de te despertar tanta curiosidade. Quanto ao teu cérebro, não o lamentes tanto. Foi "construído" especialmente para a tua tarefa.

Quantos há que não captariam o que estou te dizendo. Quantos há que ao serem ligados novamente ao padrão da carne, após o sono, não reproduziriam com tanta facilidade o que viste, o que sentiste, o que falaste. Quantos? Há sempre algo para um novo algo. Há sempre um ponto diferente em cada ponto e nem por isto deixa de ser ponto e ser autêntico.

Cada coisa tem uma razão de ser e, os filhos espirituais são "construídos" na carne para atender uma missão que a própria carne exige. Não culpa o teu cérebro meu filho. Confia nele. Usa-o com mais carinho. Acredita em suas compilações. É um bom computador, como dirias. Que Deus te ilumine e que teu coração esteja sempre e sempre aberto a novas investidas no campo do bem.

Sara, em nome do Pai".

Como a linguagem usada, assemelha-se a da informática, procurei o irmão e amigo João José dos Santos, brilhante profissional atuante no campo operacional da informática, da televisão e da eletricidade, para que ele fizesse uma análise do escrito e me desse um parecer, casando as palavras de Sara, com os pontos técnicos conhecidos.

Eis o que nos foi oferecido:

RECIFE...
19.01.2001 _ SEXTA FEIRA _ 19:20 H
SARA...(comentários)

Comentários sobre uma "viagem" espiritual, tentando se criar um paralelo entre a comunicação do cérebro, a "informática" e a comunicação do espírito.

A comunicação espiritual ocorre mente a mente sem intermediários. As informações são acessadas livremente... O que nos faz pensar, nesse primeiro momento, em uma rede Intranet, que é a

interconexão de um determinado número de computadores pessoais (por exemplo, os computadores de uma grande empresa) com compartilhamento por todos os usuários, dos seus arquivos armazenados em seus respectivos HDs (Hard Disc), normalmente com capacidade da ordem dos Megabytes.

Numa Intranet os usuários têm a total liberdade de consultar arquivos, movê-los, modificá-los, arquivar "novas mensagens" em todos ou em um HD em particular etc, etc...Portanto **fundindo suas mentes nas mentes dos com os quais se comunicam**... **Logo, todo o acervo intelectual, vibratório, histórico, passa a ter domínio comum e cada qual usa as imagens**, **sons, sentimentos, como se fossem seus**...O que nos leva nesse segundo momento, a pensar numa rede Intranet mais sofisticada, de maior poder de armazenamento, com um servidor central (HJD com capacidade da ordem dos Terabytes), também chamado de Mainframe, onde todos os acervos, todos os arquivos, ocupam um único espaço e passam a ter domínio comum, (selecionados os níveis de acesso pelo uso de "senhas")... **Usado com a mesma intensidade e velocidade, como vocês usam seus acervos de memória** armazenados nos computadores e servidores espalhados por todo o mundo e interconectados através de uma super rede que é a Internet, a WWW (Word Wide Web), permitindo a todos os usuários o acesso a "memória da humanidade". Permitindo viajar as mais distantes regiões do planeta... **Com a mesma rapidez com que podemos sair de um ângulo de raciocínio e conteúdo para outro completamente diferente**.

A ordem de grandeza desse acervo, desse arquivo, nesse gigantesco "HD virtual" disponível a um toque de "mão", poderia ser estimado em centenas de Terabytes. Esse enorme arquivo poderia ser "comparado" ao arquivo espiritual... **De uso coletivo dos espíritos bem intencionados que o procurem... Todo esse manancial de informações está a sua disposição**.

Os espaços para armazenamento das informações e as velocidades disponíveis diferem em muito a cada nível do computador pessoal para os "mainfranes"; das redes dedicadas as Intranets para a rede aberta Internet; dos HDs convencionais para as memórias plasmáticas; etc. etc... Dessa forma... **As passadas realmente vêm vestidas de uma beleza de enfoques que não se pode perceber na matéria... Tendo, portanto, o seu subconsciente agido como um sensor que reduziu as mensagens ao essencialmente importante, enquanto em espírito esse fator tempo e espaço não existe...** E assim, as informações quando "trafegam", "viajam", dos grandes arquivos (da Mente Espiritual), para os computadores pessoais (às memórias da mente física), por questões de espaço e "tempo" que poderíamos traduzir por "velocidade" (que variam entre 5 a mais de 200 Megabytes/segundo), necessitam serem selecionadas e compactadas, "zipadas" na linguagem usual, para poderem ser "compreendidas", traduzidas e arquivadas nos Hds... **Quanto ao teu cérebro... Foi "construído" especialmente para a tua tarefa**... Da mesma forma que os computadores pessoais são especialmente construídos e configurados, com a instalação de programas e periféricos, para atender a objetivos específicos na execução dos seus trabalhos.

...**Há sempre algo para um novo algo... Há sempre um ponto diferente em cada ponto...**

J.:J.: DOS SANTOS

Isto nos deixa cada vez mais convictos de que as barreiras dogmáticas, o fanatismo, o misticismo exagerado, a ignorância, tendem ir aos poucos desaparecendo no milênio que se inicia. A curiosidade, o interesse e até a dúvida, conduzirão à pesquisa e à razão, agora já com maior disponibilidade de elementos que possam esclarecer a cada um. O homem cada vez mais se afastará do dogma do pecado e moldará a sua vida pelos ditames da consciência, em harmonia com os outros seres e com as forças da natureza.

Nessa nova era a população de todos os recantos da terra, por uma necessidade de sobrevivência tende a atingir um grau aceitável de conhecimentos. Os computadores estarão nas escolas das cidades sem exceção e até nos confins das selvas hoje inabitáveis. Haverá sempre um foco de progresso em qualquer canto. Muitos dos que hoje estão reencarnando neste planeta, já trazem essa missão das mudanças. Outros que aqui estão em fim de estágio terreno, como eu, têm que continuar o aprendizado na vida espiritual, em tempo integral, para quando aqui voltarem em um novo corpo de carne poderem ir mais longe e dar o seu quinhão dentro dessa nova filosofia.

Fui levado em estado do sono a um lugarejo, em uma região qualquer do Brasil, acredito que do Nordeste. Não deveria morar no centro, na rua, como se costuma dizer no Sertão, duzentas almas. Era um lugar bem pequeno. Vi-me dentro de um cercado de uns três hectares. A câmera focava a uns quinze metros a minha frente, em plano médio, uma mesa de tábuas rústicas, improvisada sobre dois tocos de coqueiro, um banco sem encosto, do tamanho da mesa e um tamborete velho de sucupira numa das cabeças. O banco comprido estava quase encostado no madeiramento do curral de uma cocheira pequena. Encontrava-se sentado no meio do banco um caboclo de trinta a quarenta anos, estatura média, magro, rosto engelhado, barba por fazer, queimado do sol, chapéu de feltro preto empoeirado, com um torçal cujas pontas prendiam-se numa argola pendente em seu pescoço. O operador, numa rápida tomada de imagens, mostrou, uma multidão de pessoas pobres, que se comprimia na cerca velha com arame farpado reforçada aqui e ali, com estaqueamento novo de sabiá, madeira do Sertão muito resistente as intempéries.

Ao mesmo tempo em que eu participava do ato de caráter festivo, vivenciava com toda intensidade técnica e de emoções as cenas gravadas, como se em vez de estar ali, ainda na filmagem já estivesse assistindo a projeção.

Eu estava presente naquela reportagem para entrevistar alguém, porque de algum modo conhecia as raízes da história. Entendi, ligado por telepatia a não sei quem, que me incumbiram de falar com o moço sertanejo do curral; contudo já tinha conhecimento da situação: ele ganhou o lote de terra, que compreendia sete hectares, com uma vaca e cinco bezerros. Teve ajuda para plantar capim _Estava sentado na frente de todos para receber a posse do terreno. A parte dessa entrega, não entrou na memória ou foi deletada, na editoração que por certo foi feita em minha mente.

O homem levantou-se, caminhou até mim e saímos andando juntos. Cheguei a conclusão pela experiência, que o tipo de solo, não compensava o valor que teria que ser gasto para torná-lo produtivo. Era muito arenoso. Não tinha condições de reter água. Não daria para criar os seis animais. Nada lhe falei, respeitando sua euforia, mas mostrei-lhe a necessidade de erradicar o tingui, erva venenosa que existia no escasso pasto e que logo percebi.

A cena fundiu-se em outra; agora no centro do lugarejo. Era como se nós estivéssemos com uma aparelhagem de filmagem, num balão ou helicóptero, a uns trezentos pés de altura, cerca de cem metros. O que o câmera filmasse, focando na vertical, era o tamanho do lugarejo. Não ficaria nada por registrar. – Uma praça mais ou menos do tamanho de um campo de futebol e ao redor dela umas dez casinhas de madeira superpostas. Vi-me no chão e o câmera focou em plano geral, rapidamente, toda a miséria da paisagem. Desceu a plano médio, concentrou-se em duas mulheres sujas e algumas crianças, agarradas às saias, como querendo se esconder. Focou da cintura para cima um menino de três para quatro anos, nu com uma boneca encostada no peito, brincando de ninar. Focou em close por alguns instantes o rosto da criança. –Os olhos sujos e escorrendo secreção pelas narinas, que ela puxava aspirando, quando o catarro ameaçava entrar na boca. Ao lado do menino, a irmãzinha em idêntica situação de higiene e de penúria, com um boneco de plástico encostado nos lábios. Ao afastá-lo da boca, observei que fazia chupeta dos órgãos genitais do boneco.

O jogo de câmera era algo que jamais pude imaginar existir. Usava recursos de deformação, de superposição de imagens fundindo-se dinamicamente umas com as outras, criando os contrastes afetivos, como se o referencial positivo, estivesse gravado de algum modo em sua memória para comparação, interagindo o espectador com a cena formidavelmente, parecendo obedecer a um roteiro do que me queria mostrar.

Apareceram as três casas de madeira enfileiradas na pracinha. Três cores: azul, verde, amarelo, bem vivas. Todas elas com uma porta e uma janela cada e os portais pintados de branco. Estavam com pinturas recentes como se fossem cenários de um filme infantil. A câmera puxa a casa do centro para cima, prolonga, comprime, alarga, estica, deforma a imagem, solta... Faz o mesmo com as outras duas. Faz a praça tornar-se côncava, depois convexa...Comprida, curta, larga... Como quem quer encontrar uma forma, um detalhamento ilusionista. Por fim estabiliza, fica em plano médio, todavia focando da base do solo até mais ou menos a metade de uma porta. Vai a close e pega em detalhes, perna feminina, bonita, sem meia, de sapato alto, azul brilhante.

Funde com plano médio com transformações indescritíveis de processo, indo do chão até a cintura da mulher. Foca sua saída de dentro da residência, corre o foco do piso até a cintura, depois do umbigo até a cabeça. Vem um close sobre o rosto deformado tecnicamente, demora e funde numa tomada de corpo inteiro em que ela aparece bem magra, de vestido comprido e justo, como o de Olívia Palito, de Popey.

O câmera brinca com a imagem que ora parece estalactite, ora fumaça, solidificando-se, ora gelo derretendo-se e finalmente dissolve.

Na casa vizinha, amarela, mostra um homem de corpo inteiro, magro, rosto perverso, usando meia bota preta, estrelada, com esporas. Estava saindo apressado. Denotava estar usando revolver embaixo da camisa de manga comprida, de pano grosso creme, por fora da calça. E finalmente foca entrando na terceira construção o nosso agricultor, em cena rápida. Fim da Gravação.

Por intuição eu sabia que o agricultor era um grande cabo eleitoral de um homem forte da região. Saiu do distrito no passado, para não morrer, pelo seu envolvimento com a mulher do pistoleiro. Por necessidade eleitoral, foi feito um acordo de "cavalheiros" entre o político e o matador, até após as eleições, quando o bandido poderia por fim ao romance. Todo aquele aparato, da entrega do terreno, com a presença da comunidade, fazia parte de um plano político.

Acordei e corri para escrever, a fim de não esquecer o sonho que tanto me impressionara, entretanto recebi a psicografia de Sara, falando sobre a razão do sonho e dizendo: "não precisas fazer rascunho para lembrar. Gravamos em tua mente, numa faixa que não apagará".

Realmente não apagou e apesar de muito complexo, manteve-se intacto, desde 13.07.2000 nos mínimos detalhes, até esta data que estou escrevendo, após mais de sete meses, reforçando a convicção da existência de técnicas avançadíssimas de informática no mundo espiritual, que vão sendo liberadas aos pouquinhos para a humanidade da Terra.

Eis a comunicação de Sara:

"... Meu filho, hoje eu vou falar de amor. Vou falar de amor, desse amor que está bem dentro de nós e às vezes não sabemos que está. Este amor que quase sempre é tão grande que ultrapassa nossa consciência e não podemos percebê-lo. Este amor que existe, que é parte integrante de nós.

Por que não falar dele, _se é tão grande, tão forte, tão medonho mesmo; que a tudo pode dominar, modificar, suprimir, elevar? Por que não falar dele, se a tudo domina e ampara, se a tudo vence porque é a Essência Divina?

Nunca é tarde na vida para se buscar compreendê-lo, para vivermos em sintonia com ele. O amor é um ser real, espiritual, que existe, que é, que emana da natureza maior. É o Halo do Criador.

Vedes os pássaros, os animais ao teu redor, o próprio Sol, o ar, a brisa, o mar, _são fagulhas do amor. Hoje te mostramos aquele filme, que jamais pudeste ver no mundo encarnado. _Suas técnicas, sua dinâmica, seus enfoques, sua maneira de perceber e de integrar-se à maneira de ver dos que assistem e têm condições de compreender o desfecho. Viste como o mundo ainda está caminhando nos primeiros degraus da técnica e do progresso. Viste outros ângulos de visão. Viste o futuro da comunicação. Viste o desamor dos governantes para com o povo. O trato inadequado para a ignorância em proveito próprio. Ma nada disto estava escrito. Mas nada disto foi dito no filme. Apenas, compreendido por desdobramento.

Viste o desamor e também compreendeste a real importância do ser mortal no mundo Terra. Viste tua importância e tiveste consciência para perceber e, se quiseres, terás os meios para colocar essas idéias a outros que terão as condições de levar a frente no campo da comunicação. Há meios para isto, como meios te demos para o teu Higiênico Urinário. Saibas que és forte e importante sem sofismas; basta apenas aceitar sem orgulho, ser.

Levas a frente esta lição de amor que te demos hoje através do desamor. Não precisas fazer rascunho para lembrar. Gravamos em tua mente numa faixa que não apagará.
Sara, em nome do Pai".

12ºRETALHO
(CINZA 50)

.

Terminado um capítulo, eu não sabia como iria enquadrar as doze comunicações pré-selecionadas que restavam. Todos os outros assuntos que foram abordados, nos escritos já aproveitados, tinham alguma ligação entre si._Esses que restavam pareciam isolados uns dos outros. Na Quarta feira, preparei a sala de trabalho, para ver se a espiritualidade no dia seguinte dava-me alguma orientação, de como fazer para encaixá-los no livro. Mas, naquele dia de Quinta Feira, senti que o peso dos anos, já começava a me proporcionar um novo tipo de teste: o do cansaço. O corpo não estava respondendo bem ao estímulo da mente, para continuar trabalhando e venceu. Acordei as cinco e quarenta da manhã, dez minutos mais tarde do que o costume, nos dias de psicografia e não tive coragem de me levantar. Como a hora não foi cinco e meia, uma espécie de código que existe, entre mim e meus mentores espirituais, logo conclui, que eles teriam programado outro horário, para que eu redigisse a seqüência do livro.

Realmente, as oito e meia, três horas mais tarde, levantei-me da cama, com uma vontade muito grande de escrever. Corri para o escritório, onde todos os preparativos já estavam prontos desde a véspera e iniciei a escrita, em forma de relato.

Não ter podido despertar na hora certa programada, foi o enfoque principal. Levou-me a meditar, que em tudo na vida há adaptações, há acertos que podem ser feitos. Nada é fixo, imutável, perene. Tudo pode aumentar, diminuir, reformar-se, modificar-se. Não há regras definidas no Universo, para as particularidades em que o livre arbítrio possa interferir. Há sim, leis, que podem ser aceitas ou desprezadas, respondendo-se pelas conseqüências advindas.

Logo que reli os temas que ainda faltavam ser mostrados, constatei que, ao contrário do que pensara antes, os assuntos eram interligados e, o que era mais importante, pareciam ter sido escritos com antecedência, para explicar a situação do horário modificado pela qual acabara de passar; já com precedentes em outras ocasiões.

Comecei a analisar os fatos parecidos, acontecidos anteriormente.

Em 29.05.1999, acordei, pelo relógio do quarto, as cinco e trinta e sete, atrasado sete minutos para o início da psicografia e mesmo assim, contrariando uma conduta rígida que sempre mantive, fui, pela primeira vez, escrever. Ao chegar no escritório, o relógio, marcava exatamente cinco e trinta. O outro, tinha sido

alterado, por engano de alguém e Sara me dizia na psicografia, _ "Quantas coisas meu filho, aprendeste nestes últimos dias e percebeste até nos teus desacertos, até no que pensavas ser um novo engano" *e mais adiante:* _ "Há sempre motivos para outras formas de aprendizado. A hora que estava aumentada em sete minutos foi um aprendizado que te fornecemos". E explicava no contexto da comunicação:

" Graças te damos oh, Pai pela tua infinita misericórdia para conosco teus filhos pecadores, que perambulamos pelos caminhos da evolução, ressarcindo velhos débitos contraídos, quando dentro da ignorância, da insensatez, do egoísmo, do fanatismo, tentamos alcançar o inatingível, como se pudéssemos de uma hora para outra, atingir a sabedoria e fazermos com que todos ao nosso redor se transformassem, pensando como nós. Até então mais uma vez prevalecera nosso Eu, egoístico e presunçoso; porém a luz aos poucos tomou-nos e agora oh, Pai, quem sabe, tenhamos condições de aos pouquinhos reiniciarmos esse aprendizado que deveria ter sido iniciado do mesmo jeito muito antes. Todavia nós não temos dúvidas, que o tempo tem tempo para tudo e sabemos que é muito bom recomeçar. No recomeço, está o início das aspirações mais fortes.

Como vês, há sempre um momento de reflexão próprio, a cada ato. Esse momento existe, mas nem sempre é percebido, nem sempre há condições reais para a visualização do consciente. Quantas coisas meu filho, aprendeste nestes últimos dias e percebeste até nos teus desacertos, até no que pensavas ser um novo engano. Há sempre motivo para outras formas de aprendizado. A hora que estava aumentada em sete minutos foi um aprendizado que te fornecemos. Mostrou a necessidade de sempre conferir os atos que praticas e de procurar ver o outro lado das coisas. A verdade quase nunca se apresenta com a face mais luminosa voltada para cima. É preciso virar para conferir o que se acha escondido sob ela. Não é assim a natureza? Deus em todos os seus atos, em todos os seus desígnios, deixa sempre aos seres, a oportunidade de meditar, de conferir, de aceitar, de rejeitar. Ele não impõe apenas com uma imagem, apenas com uma palavra, suas verdades. Não impõe. Permite-nos aceitar ou desprezar o que está mostrando. Promove em seus atos o desejo e até a necessidade de pesquisar, de perguntar, de duvidar para poder ir mais longe.

Sabes, filho querido, quantas vezes no passado tentamos esta sintonia que hoje temos contigo? Por quantas ocasiões insistimos e rejeitaste? Sabes o número de reuniões que houve aqui, para te induzir, pelo teu livre arbítrio, a essa ligação vibratória da psicografia? Não foi por acaso que te intuímos a fazer o primeiro livro. Não é por acaso que pensas em fazer o segundo e o terceiro, que virão no momento oportuno, porque esse instante, essa espera, essas dificuldades, esses desalinhos e esses acertos, fazem parte do teu programa. E graças ao Pai de Amor, estamos cumprindo o cronograma que foi traçado para esse trabalho. Não desesperas, não desanimas nunca. Tenhas calma.

Sara, em nome do Pai".

E no dia 11.01.2001, um ano e meio depois, o fato se repetiu. O horário da psicografia foi aumentado em uma hora. Os irmãos espirituais me acordaram as seis e trinta e não às cinco e trinta, mas desta vez eu não hesitei em psicografar. Eles viram que eu não tinha condições físicas, por ter viajado ao interior do Estado, além de ter ficado nas comemorações do aniversário de minha cunhada em Recife, até muito mais de meia noite.

Parte da psicografia, diz o seguinte:

"Hoje mais uma vez, estamos te dando instruções de amor. Mostrando-te como todas as situações podem ser acomodadas, sem que haja sofrimento para as pessoas envolvidas e como uma diagramação maior, um retraimento, um prolongamento, uma pausa, podem modificar as conjecturas de uma situação e dar às pessoas possibilidade de executá-las com o carinho e o denodo, com que planejaram, sem ofuscar seus sonhos .

Quantas vezes, meu filho, encontramos situações de penúria, de horror, de sofrimento, que poderiam ser evitadas com a pequena modificação de um minuto, de um tempo no tempo que é infinito e o ser humano, envolto na ânsia de considerar tudo dentro do seu padrão rígido para o que considera planejamento real, não abre mão desse direito de conceder opções e provoca a infelicidade de seus irmãos.

Hoje ao verificarmos que o teu corpo físico estava sentindo os reflexos do dia de ontem, reflexos que não foram provocados por negligência, ou má vontade e sim pela necessidade de participação social com irmãos do teu ciclo de relações no mundo encarnado não hesitamos em esticar o período e ao mesmo tempo, dinamizar teu organismo. Sabemos como é interessante dar instruções nos momentos importantes, em todas as situações que fujam da rotina e tua fase dentro da mediunidade, agora, será sempre pautada por essas situações improvisadas, em que terás de preparar às pressas, sistemas e também testar as situações diferentes.

Foi bom todo o dia de ontem desde a subida da serra. Aquela moça, filha de um conhecido teu do lado de cá, precisava ouvir o que disseste a ela. Estava entrando sem saber num processo comum a quase todos os irmãos; procurar primeiro modificar-se para depois pensar em executar o aprendizado. Deveria ser diferente: levar o aprendizado às outras pessoas, simultaneamente com os conhecimentos que se vão incorporando à sua memória nesses estudos. Ela, pelo método, está se tornando participativa, apenas em pensamento. Está buscando somente a si. Mas ninguém melhora, tenha a mais elevada sapiência e cultura, se não exercitar com o semelhante, o que aprende. A maneira de evoluir dela é uma forma de egocentrismo... Foi

bom que tivesses abalado naquele momento a sua maneira de pensar, sem feri-la e até dando razão, a razão que ela pensa que tem.

Viste ali, como os espíritos se buscam, se refazem, se reencontram e tomam novos rumos na jornada da evolução, pela união, pela fraternidade, pelo amor. Não é por acaso que essas reuniões acontecem. Sara em nome do Pai”.

Mas essa sintonia na percepção, não é fruto apenas da vontade que tenho. Foi decorrente, principalmente, do amor e perseverança dos amados guias espirituais, que muito trabalharam para aferir o padrão de sintonia de freqüência, na recepção das vibrações por eles emitidas. Trabalho em que souberam empregar a paciência, perdoando-me as fraquezas e desregramentos. Sara, em trecho da comunicação de 29.05.99 diz: “_ Sabes filho querido, quantas vezes, no passado, tentamos esta sintonia, que hoje temos contigo e em quantas ocasiões insistimos e rejeitaste? Sabes o número de reuniões que houve aqui para te induzir, pelo teu livre arbítrio, a essa ligação vibratória da psicografia?” As perguntas tocaram no fundo do meu coração, que não pôde responder, mas que, num relance, compreendeu que, pela ignorância, não levei em conta a ligações que tenho com os irmãos da vida espiritual; esqueci que eles também têm seus planejamentos, objetivos de trabalho, missões, responsabilidades...Metas a cumprir no aprimoramento moral de irmãos que estão encarnados...Egoisticamente, ignorei que eles lutam lado a lado comigo, ajudando-me. Os êxitos de minhas tarefas se refletem em seus sentimentos; são as compensações que, lhes posso oferecer e as alegrias que lhes posso dar; nós somos ligados por afinidade e participamos juntos no aprendizado evolutivo, delineado pelo Pai.

Isto me levou a meditar no caso do filho de Maria José, minha cunhada, casada com meu irmão José Maria. O rapaz, de pouco mais de vinte cinco anos, enfrentava um problema por descontrole mediúnico. – Apesar de ter nascido em uma família de tradição espírita, não teve o devido acompanhamento quando surgiram os primeiros sinais de alta mediunidade, que bem orientada lhe possibilitaria ressarcir velhos débitos de outras encarnações e harmonizar-se com os espíritos que outrora prejudicou, restabelecendo pelo amor e pela caridade uma convivência de paz. Ao fugir do compromisso assumido, passou a ser vítima de entidades, que se aproveitam da fraqueza emocional e encontram o campo aberto para o controle quase total da mente; algumas delas, despretensiosamente, outras até por vingança.

A família embora ligada nas verdades espíritas, aceitando-as na teoria; na prática, sentiu o abalo pelas reações preconceituosas da sociedade, pois nem sempre, os irmãos que incorporam de surpresa, têm palavras condignas com o ambiente onde se encontram.

Fui procurado por Maria José em busca de orientação. Recebi essa comunicação de Sara, orientando.

“Maria, Zé, meus filhos. _A vida dádiva do Criador de todas as coisas, nos faculta momentos de reflexão nos pontos vividos. Coloca a disposição, de quem quer ver, arquivos incomensuráveis de elementos, que, se bem analisados, podem levar o espírito a uma melhor concepção das provas pelas quais terá que passar para aperfeiçoar-se. Não é, portanto, por acaso, que fatos, lugares, pessoas, situações, circunstâncias se sucedem. Tudo tem uma razão de ser e principalmente uma lição para os entes envolvidos. Isso se dá no ramo de trabalho, no casamento... Com as pessoas da relação de amizade... Com os que não comungam os mesmos ideais. Dar-se com os que chegam, os que partem, os que trazem risos, alegrias, esperanças... Com os que trazem apreensões e desespero. Tudo tem um objetivo, tudo está dentro do contexto das provas de cada um; que não são iguais”.

Vimos observando, acompanhando, vibrando, como os acontecimentos de dupla personalidade, se assim preferem que se fale, vêm incomodando vocês; _tornando-os nervosos, debilitados pela maneira como se processam e pelo estilo, infelizmente preconceituoso, do modo geral do pensamento mundano, que deixa em vocês uma sensação de medo, por não saber encarar os fatos e a sociedade em que vivem. Mas, para isto, é importante entenderem que a mediunidade não dá mérito nem demérito a quem a possui. O indivíduo, o médium, é simplesmente um intérprete de um pensamento, de uma atitude, de uma forma de falar, de agir... Que não é sua. Portanto não tem nenhuma responsabilidade sobre a forma de se expressar e assim sendo, não lhe cabe mérito.

Tudo que se está passando com o menino, faz parte de um acerto que foi feito aqui na espiritualidade, para seu próprio bem. Espírito endividado com ações pouco gratificantes do passado; espírito credor também, de muitos bônus por atos de altíssima sensibilidade, amor e devotamento às causas que endossou e defendeu; tem débitos a ressarcir e outros tantos louros a serem creditados e gozados nas peregrinações. Torna-se necessário ao rapaz, que procure estudar, ler, recapitular ensinamentos através da vivência, da cultura, da meditação, da sintonia com o alto e buscar forças para dominar, para dar acesso, onde e quando for necessário, às energias, que, por não estarem sendo coordenadas racionalmente, tendem a causar desalinhos.

Sua mediunidade é muito bonita e muito útil para levar o bem a outras pessoas. Faz-se mister, não deixar que essas forças extrapolem sua vontade. _ Centros espíritas há, que podem harmonizá-las, instruí-lo, até que ele possa dispor de si mesmo e controlar os impulsos. Não há por que vocês desanimarem e até se

envergonharem de algumas situações, pois isto faz parte unicamente do mau controle do médium, que pode muito bem ser resolvido.

Muita paz. Sara em nome do Pai".

13º RETALHO
(AMARELO ESCURO)

Uma psicografia de Sara diz:

"Ouves como cantam os pássaros? Percebes que se fundem os sonhos em lampejos de harmonia? Escutas a música do vento, o rebentar dos zunidos, juntando-se em êxtase para formar a sinfonia? Contemplas o que existe ao teu redor: _A luz, o ar, a brisa, o sentimento, a esperança de um dia melhor? Notas e reconheces porque queres ver. Porque desejas, porque enfrentas, porque não desanimas de sonhar. Nos sonhos todas as fantasias são reais, têm força, têm cor, sabor, compensações materiais... Têm amor, quando sabemos sonhar .

Meu filho, a vida compõe-se de muitos senões e essas partes infinitesimais que às vezes, por serem pequeninas demais, nem julgamos, nem pensamos ter importância, juntam-se às outras e formam o elo de ligação que, se não existisse, impediria todo o desenrolar de uma corrente maior. Tudo tem o seu sentido na vida. Tudo faz parte da história da vida. Nada pode ser desprezado. Nada pode ser ocultado, escondido, camuflado por aquele que deseja ser bom, correto, transparente e evoluir na vida espiritual. Não é só o desejo que impera, que serve, que comanda, que domina, que leva em frente o sonho de uma realidade; mas a própria realidade, que é um sonho sonhado em escala transcendental. Agora, neste momento, ondas influíram nos teus pensamentos, modificaram a trajetória do lápis..."

Sara começou a me explicar na comunicação, como aprender a controlar essas intromissões... E quando me dirigia para a sala de trabalho no dia seguinte, parei embaixo de uma latada de maracujá que convive em harmonia com os galhos de um pé de liamba, formando uma abóbada vegetal, onde se abrigam rosas, pimenta, tinhorão, hortelã, azevim, alfavaca, agrião, embais... Um casal de sibitos fez ninho e um besouro mangangá, faz zoada colhendo o néctar das flores. Comecei a meditar e aquelas palavras fizeram-me modificar o juízo de valores que faço de alguns pontos de minha vida. Quando Sara diz: "Tudo tem o seu sentido na vida, tudo faz parte da história da vida; nada pode ser desprezado. Nada pode ser ocultado, escondido, camuflado..." Eu encontrei o incentivo para narrar o que tinha medo de dizer para não chocar as outras pessoas. _ Escancarei a memória e me vi nos anos sessenta.

_Éramos três amigos, egressos da vida mundana, cheia de sonhos e de gostosas ilusões. Eu, Josemar Soares e Arnaldo Barbosa. Três jovens que acreditavam em Deus, na existência do espírito e nada mais. Três homens que sabiam, pela razão, da necessidade de ser útil ao próximo. Três amigos fraternos, leais, farristas, boêmios, mulherengos, amantes da vida bandida amorosa e dos prazeres que ela oferecia. Conhecemos dois santos: João Rodrigues e Elias Sobreira. Dois santos bem diferentes de nós e um do outro. Joãozinho era o presidente da Centelha de Jesus; Sobreira, o presidente da Campanha do Quilo. _Amigos inseparáveis. Joãozinho estava na faixa dos cinqüenta anos de idade; barbeiro, ainda na ativa, trabalhava numa barbearia na Rua do Bom Jesus, zona do baixo meretrício de Recife. Um homem do povo, alegre, aberto ao diálogo da vida mundana, porque conhecia essa vida. _Sobreira, era mais velho, tinha aproximadamente sessenta anos; oficial da reserva da Aeronáutica; homem de caserna, sem passagem pelo mundo do pecado. Mostrava, arraigadas na alma, as atitudes rígidas do militarismo e uma religiosidade de enternecer. Os dois amigos se completavam: razão e coração. Idealizaram construir a Casa dos Humildes, no Bairro de Casa Forte, Recife; abrigo que, pelo projeto, acolheria inicialmente cem velhinhos de ambos os sexos.

Freqüentávamos a Centelha de Jesus, em busca de soluções para problemas materiais, que julgávamos "por ouvir dizer", ter relação com espíritos. Recebemos muitos conselhos espirituais de Sobreira, difíceis de obedecer no nosso estágio. Balanceávamos tudo, com a sabedoria e a vivência de Joãozinho e, assim, dentro do possível e de nossas limitações, íamos aos poucos, sem pulos da Natureza, burilando os comportamentos e quando percebemos, estávamos empenhados também no empreendimento espírita.

As soluções dos problemas, que exigiam tráfego, prestígio, força e conhecimento, dentro de determinados setores da sociedade, fora da esfera religiosa, estavam sempre com os três penitentes depravados, que seguiam as orientações recebidas dos "santos" e complementavam as tarefas com as armas que o mundo lhes oferecia. Houve o apoio da Capemi, Caixa de Pecúlio dos Militares. A Casa dos Humildes foi inaugurada e os velhinhos admitidos, dentro das máximas exigências que se pode impor nesse tipo de assistência. Para complementar, recebemos de irmãos abastados, uma Kombi zero Km. e um telefone, na época, tão caro quanto o automóvel. Tudo corria bem.

Um dia, eu estava com Josemar, à tarde, em seu escritório. Havia ido "bater o ponto", acertar alguma brincadeira para o fim de semana e aguardava a chegada de Arnaldo, a quem denominávamos, "mentor espiritual encarnado da bandalheira". O telefone tocou: era Joãozinho, pedindo nossa intervenção num

problema, dizendo que Sobreira tinha consentido em colocar um moço na Casa dos Humildes. O moço, do interior do Estado, o convenceu de que três dias seriam suficientes para que pudesse assumir um emprego, que teria vindo ocupar em Recife. Já fazia quatro meses que o rapaz estava no Abrigo, criando problemas com suas exigências de mordomia, como se estivesse hospedado num hotel de luxo. Aproveitava-se do bom coração de Sobreira, que sempre o procurava com palavras de amor, tentando resolver o assunto, mas o "hóspede" dobrava-o, apelando para o sentimentalismo e até, nas entrelinhas, ameaçando escandalizar, caso fosse mandado embora. Ouvi as últimas palavras de Josemar ao telefone: "_ Vamos agora mesmo pra lá". Este "vamos", já estava me incluindo. Vieram os desabafos, os impropérios contra o rapaz, enquanto pegava as chaves do carro e o paletó e ia me explicando rapidamente os fatos.

Saímos na mesma hora, do Bairro da Madalena para o de Casa Forte, uns seis quilômetros de distância. –Naquela época não havia os engarrafamentos de trânsito tão comuns nos dias de hoje, mas, parece que existia um preparativo do Alto para o aumento da vibração emocional, da cena que iria se desenrolar: dois semáforos estavam com defeito e isto contribuiu para a elevação de nossa adrenalina, que fazia variar o estado d'alma, entre a ira e a cólera, alternadamente. "O desaforo desse indivíduo", quase sempre com adjetivos de baixo teor vibratório, era a expressão mais ouvida no carro.

Finalmente, chegamos ao abrigo; estávamos espumantes de raiva, seria o termo mais bem aplicado. Não procuramos falar com Sobreira. Tínhamos combinado isto, pois ele podia nos "contaminar" com a sua bondade e estragar tudo. Dirigimo-nos ao pavilhão do segundo andar. Eram quatro lances de rampa. A cada um que subíamos, apressados, fora de forma física, um calor ia tomando conta de nós. O ritmo cardíaco aumentava e a cólera acompanhava num estribilho ainda maior.

Chegamos ao pavimento dos velhinhos e, para infelicidade do moço, o encontramos sentado comodamente numa cadeira de vime, de braço, com um radinho de pilha ligado. Acabara de tomar banho, estava com a roupa limpa, cabelo penteado, barba feita, bigode bem fino aparado, perfumado... Um vidro de Seiva de Alfazema destampado junto do rádio, a perna numa cadeira à sua frente. Colocava talco entre os dedos dos pés.

Em mim, o talco nos pés foi o impulso recalcado que explodiu; em Josemar, segundo me confessou, "Foi o bigodinho pilantra, ridículo... Safado". Quando o rapaz nos fitou, Josemar já o estava levantando pelo sovaco, como quem pega um saco de batata podre pelo rasgo, para jogar fora e disse, amassando as palavras entre os dentes: "Você vai embora, agora"; esse a-go-ra foi bem soletrado no seu ouvido. O indivíduo ainda esboçou uma reação, querendo dialogar, mas viu que o argumento da força matou o direito do argumento e que também contra nós, de nada adiantariam as chantagens do coração, que tão bons resultados haviam dado com Sobreira.

No mesmo tom de Josemar, sincronizando altura, graves e agudos, eu disse: _ pegue sua maleta e, já ia empurrando com o pé, para junto dele, uma mala de madeira, forrada de percalina amarela, listada de preto, com acabamento de tacha de cabeça, formando esboços de desenhos, fechadura rústica de ferro e protetores de canto, feitos de lata; tipo muito vendido nas feiras de subúrbio. Ele a apanhou rápido, sem discutir e, saímos arrastando o cidadão de dentro do pavilhão.

Quando fomos descendo a rampa, a calma já tinha voltado em mim; mas, de repente, não sei como, fui tomado novamente de uma indignação, que eu pensava já ter ido embora e corri atrás do rapaz para esbofeteá-lo, massacrá-lo, humilhá-lo...Contive-me e, para desabafar, para não perder a motivação... Não desperdiçar a raiva quente e gostosa que me alimentava, dei um formidável pontapé na maleta, que caiu de sua mão e saiu rodando pelo piso abaixo, batendo de um lado e do outro nas muretas da rampa, fazendo a zoada de um burro brabo no meio de um bambual.

Josemar, induzido pelo meu gesto, tentou dar um bicudo na bunda do rapaz, como um "beque te bei", um zagueiro de futebol de time de usina, aliviando uma bola na área de perigo; mas, como estava gordo e não era bom de chute com a perna esquerda, cheirou... Errou o rebote e rodou, fazendo pirueta e tendo de se agarrar no corrimão de cimento para não cair, compensando o fracasso do gesto, com palavras vergonhosas de xingamentos, nunca dantes imagináveis, que só eu e o pilantra podemos aquilatar.

Hoje, sabemos que fomos atuados por entidades primitivas, indignadas com o procedimento do moço. Para esses irmãos espirituais, não há meio termo. Ou é certo, ou é errado. Éramos médiuns, sem desenvolvimento e nossa indignação, estabeleceu sintonia, por afinidade com aqueles irmãos.

Agora, após quase quarenta anos, eu estava sentado numa cadeira de vime, de braço, parecida com a outra, com uma perna em cima de um tamborete, colocando polvilho entre os dedos dos pés e comecei a sorrir, lembrando-me daquelas cenas: a cólera, a ira, a mala rodando na rampa, o chute de Josemar e tudo aquilo servia apenas como pano de fundo para vivenciar um aprendizado de vida.

Todos os fatos vividos na remoção do intruso já não tinham a negatividade daquele instante; já não me irritavam, não me feriam, não tinham importância... Pelo contrário, me provocavam risos e as pessoas ao meu redor não entendiam o motivo de eu estar gargalhando, ao colocar talco nos pés.

Terminei esta pequena colcha de retalhos, com os gomos de algumas experiências e de vários pedaços de sentimentos que as pessoas amigas me trouxeram. Ela foi alinhavada com a linha do pensamento e

costurada me agasalhou; envolveu-me com calor e retive por momentos as emoções sentidas e por minutos, quanto que desejei recapitular todas as etapas de meu aprendizado, contracenar com os mesmos artistas em outros palcos, interpretando novas versões das estórias. Reviver, sonhar de novo.

Mas o tempo teimava em fazer-me esquecer toda ventura vivida naquela fase de minha mocidade e quando, a melancolia com o corpo de tristeza, fantasiado de Arlequim se fez presente, entreguei-me ao seu açoite de fanfarrão e fui buscar, na adega das recordações, o vinho que meu cotidiano profano fabricou e guarda consigo com avareza e mesquinhez; vinho que sempre bebo as escondidas, em pequenas doses levemente alcalinas, na taça de cristal de lágrimas, na festa da solidão, quando a amiga saudade vem visitar-me, vez em quando.

***

OPINIÃO DE UM ESPÍRITA

As lembranças do autor trazem cenários que foram por ele vividos e são revelados no seu circunspeto estilo de escrever.

Neste buscar forte de se refazer a si próprio, confessa que usou o desusado, por ele, na intensa e desesperada vontade de mudar a personalidade orgulhosa e, como a si mesmo chicoteasse, como fizeram antigos religiosos católicos, endereçou-se à Campanha do Quilo, a procura da humildade, ocorrendo tão quanto, de modo diferente, ao antigo escravo amarrado ao tronco, levando o sal nas costas pelo capataz.

Descobriu não haver necessidade de ser humilhado, atendeu ao seu Eu Imortal e não mais aceitou o seu Ego finito, malicioso e enganador, dependente das ilusões do mundo.

Antes do entardecer, o Centro Espírita Mensageiro do Bem, deu-lhe a facilidade de compreender que o "Velho Da Ponte", "Bem Aly E A Radiola De Ficha", o "Espírito Que Não Pisou Na Lama", "O Jerimum De Josemar" e o "Sonho", entre outros fatos acontecidos, foram-lhe ensinamentos para viver.

Neste acordar para a vida espiritual, Nilson Ferreira de Mello, na condição de médium psicógrafo, recebe do Espírito de nome Sara, um comunicado que diz: "é muito bom e estamos felizes de poder sentir que paradoxalmente chegou o momento de perceberes e levantar a ponta do véu dessa verdade que é o comprometimento com os desígnios de Deus, que sabe o tempo certo para tudo, até para discordar". Evidenciou o Autor a sua condição de médium, quando de maneira simples informa que: "O encaixe desse escrito no livro, levou-me ao desejo de reler as dezenas de comunicações recebidas".

Aproveitará quem ler o livro "SE...", de Nilson Ferreira de Mello, por que se modelará para uma vida futura sem que venha a dizer depois: ai se eu soubesse!

Aprendamos: o passado é o nosso presente de experiência.

José Ciro da Penha.

Ciro da Penha é advogado paraibano, médium e orador espírita. Foi presidente do Conselho fiscal da Federação Espírita de Pernambuco, por diversos períodos.

OPINIÃO DE UM ESOTÉRICO

O esoterismo encara a realidade existencial sob dois aspectos: um externo e um interno; considerando que tudo no contexto universal apresenta-se, quer percebamos ou não, numa dupla face, à semelhança do deus Jano que contempla, estrategicamente, para o passado e para o futuro, daí inferindo a fluidez infinita do tempo.

Apreciando sobre esse enfoque, o livro "SE..." do I:. Nilson Ferreira de Mello é uma amálgama preciosa que nos apresenta uma rica vivência existencial ocorrida, simultaneamente, nos domínios da vida cotidiana e na espiritual.

Todavia, o entrelaçamento dessas dinâmicas se faz tão significativas que, às vezes, se torna difícil estabelecermos, de modo preciso, onde termina uma e começa a outra.

E, à medida que a narrativa dos eventos se sucede, mais e mais somos transportados para esse "surrealismo" pintado a cores tão vívidas. Alguns episódios são particularmente enternecedores e tamanhos são os seus impactos, quando descritos, que, quer queiramos ou não, somos a esses quadros transportados e deles

ficamos participando. Isto é feito de modo tão forte que o leitor passa a sentir-se mais um personagem da história, tamanha a interatividade que acontece, por força da narração.

Causaram-me especial emoção o evento do "MENDIGO DA PONTE VELHA", encontro e experiência que provam o postulado básico do Esoterismo, de que "o verso e o reverso de tudo que existe é um fato insofismável" e nos ensina, que não devemos subestimar ninguém, especialmente, por sua aparência estranha ou não, pelo aspecto meramente exterior.

O sonho descrito em detalhes tão minuciosos não nos deixa dúvida que, na verdade, tratou-se de uma projeção psíquica. Os acontecimentos mesclados de matizes, os mais diversos, são contas que, paulatinamente colhidas por sua mentora espiritual Sara, vão formando um valoroso colar composto de lições espirituais, fraquezas humanas, vitórias e derrotas que, fatalmente, serão acometidas a todos nós, hoje ou amanhã.

Em meio ao jocoso e o trágico do "JERIMUM DE JOSEMAR", ao conflito dos "PENAS BRANCAS" versus "Penas pretas" e a "DESMATERIALIZAÇÃO NA AVENIDA RECIFE", assim bem como de todos os fatos que estão descritos aqui, o que nos fica devidamente impresso na consciência é uma profunda lição de humildade e demonstração inequívoca de que a busca da realização espiritual humana é possível e, torna-se verdade quando nos dispomos a encarar e vencer as adversidades que se interpõem em nossos caminhos, para, então, evoluirmos a patamares mais altos e alcançarmos a união com Deus, o propósito último de todos nós.

Linésio José de Magalhães Duarte.

Linésio Duarte é pernambucano, advogado, Esotérico, Mestre Cabalístico, Rosacruz e grau 33 dos Altos Corpos da Maçonaria Universal.

OPINIÃO DE UM ATEU

Fiquei gratamente surpreso aos ser chamado para dar minha opinião sobre o livro "SE...", de Nilson Ferreira de Mello. É um sinal positivo de que estamos ampliando a tolerância e avançando na convivência democrática.

Achar um ateu disposto a falar, sobre ateísmo, ou entrar em debate defendendo ateísmo, não é coisa fácil. Ser ateu não é fácil. Freqüentemente somos humilhados, discriminados, desdenhados, tratados com descrédito e desconfiança. Para se ter uma idéia do preconceito, somente recentemente o termo "ateu" foi incluído no censo.

No entanto, os ateus e descrentes formam um intenso contingente no Brasil e no mundo. Em todo o planeta, segundo dados da Enciclopédia Britânica, em 1994 cerca de 240 milhões de pessoas declaravam-se atéias, _ativamente contrárias a qualquer religião e mais de 900 milhões diziam-se não religiosas, sem nenhum tipo de crença.

Ser ateu, não é indicado para quem tem alguma tendência ao orgulho ou a soberba. A condição humana para o ateu é uma lição de humildade. A natureza mostra que não somos nada; que nossa passagem pela vida é insignificantemente rápida; que somos guiados pelos instintos, da mesma forma que nos animais mais insignificantes e que depois da nossa morte, nada ficará para lembrar a nossa existência.

Recentemente passei por um período de grandes dificuldades relacionado à morte. Perdi, em menos de um ano, minha irmã mais velha, Lucidalva e, minha mãe. Uma vitimada por cirrose e outra, pela diabete. Foi um período duro de hospitais e casas funerárias.

Sabendo do drama, alguns amigos me perguntaram onde um ateu, que obviamente não acredita em vida após a morte, encontra consolo para a perda de um ente querido?

Acho que eles esperavam uma resposta longa e filosófica. Mas minha resposta foi prática e objetiva: _chorei muito; lembrei de todos os momentos bons e felizes que passei junto a minha mãe e minha irmã e me convenci que minha mãe não morreu totalmente. Continua bem viva em minha filhinha de dois anos. Minha mãe contribuiu com 1/4 de sua carga genética. Sendo assim, minha filha é a legítima herdeira de todo amor que dediquei a ela e isto não é uma questão de fé; é um fato.

Pode parecer um modo vazio e insensível de enfrentar a morte; mas e daí? Devemos acreditar nas coisas por que elas dão conforto, ou devemos encarar a realidade, por mais desagradável que possa ser?

Fui educado por padres em colégios diocesanos.

Meu pai era espírita e me criou num clima de absoluta liberdade religiosa. Era um homem sábio e tolerante. Assim, tenho simpatia e respeito pelo espiritualismo em geral e uma particular simpatia pelo Kardecismo. _Não pela doutrina. Vejo com muita reserva a tentativa de criar uma base científica para qualquer religião; mas pela seriedade, altruísmo e tolerância dos praticantes. Fiquei muito satisfeito de puder externar

algumas idéias, de ser ouvido e levado á sério. Os ateus e descrentes precisam de respeito e a admissão que estamos sendo sinceros e verdadeiros.

Li este livro com olhos de um céptico e gostei. Tem uma mensagem otimista e humanista. Ao terminar de lê-lo, estava melhor do que quando comecei.

Cláudio Roberto Cabral

Cláudio Roberto é pernambucano; conceituado designer publicitário.

DÊ TAMBEM SUA OPINIÃO!
Envie e-mail para:
livrosara@gmail.com

COMUNIQUE-SE COM O AUTOR